Ano 2 - Edição #18 - JULHO/ 2021

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#18



Ilustração - Wilson Inacio/2021




JUSTIÇA
ELEITORAL
FIM
2
3
4
5
6
7
8
9
0
CONFIRMA


JUSTIÇA
ELEITORAL
2 3
4 5 6
7 8 9
0
CONFIRMA

Art. 220 - Constituição brasileira de 1988

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

§ 3º Compete à lei federal:

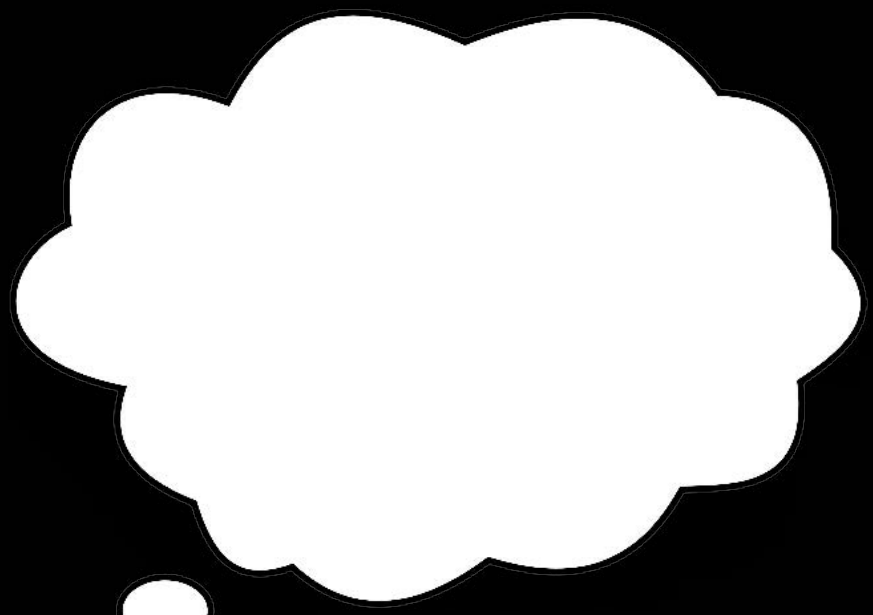
I - regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao poder público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada;

II - estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no art. 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente.

§ 4º A propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias estará sujeita a restrições legais, nos termos do inciso II do parágrafo anterior, e conterá, sempre que necessário, advertência sobre os malefícios decorrentes de seu uso.

§ 5º Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

§ 6º A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade



O PENSAMENTO É

LIVRE

D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Around the World



#18

BRAZIL - 2021

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

EXPEDIENTE - Revista D-arte
Diretores de Redação : Wilson Inacio, Ronilson Rony
Jornalista: Aldo Moraes (0010993/PR)
Site: dartelondrina.wordpress.com
Email: dartelondrina@gmail.com
Instagram: @dartelondrina

Saudações! Apresentamos nossa 18ª edição da Revista D-arte. Lembramos a todos os leitores que a revista se apresenta de forma interativa, clicando nos ícones e links serão direcionados para as páginas e redes sociais dos artistas. Buscamos mais uma vez, de forma democrática , receber os trabalhos dos artistas, grupos, escritores, autores, pesquisadores e afins, sem qualquer pré-julgamento possibilitando que este ambiente seja plural, diversificado e livre.

email para envio de materiais:
dartelondrina@gmail.com.

~~#17~~

#18

JUNHO/ 2021
dartelondrina@gmail.com
insta @dartelondrina

Realização

Wilson Inacio - Arte & Design
https://wwidigital.wordpress.com/

Ronilson Rony
www.ronilsonrony.com.br

Apoio cultural

BATUQUE NA CAIXA

I.C.A.B
Instituto Cultural Arte Brasil
https://ongartebrasil.blogspot.com/

A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressão artística, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a expressão artística brasileira.
Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes, podem nos enviar trabalhos para digulgação em nossas edições.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:
https://dartelondrina.wordpress.com/

GENTE
QUE
COOPERA
CRESCE.

SICREDI

Quer colaborar com o nosso projeto?

FAZ UM PIX

CHAVE:
CPF: 18462125880

D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

pix
powered by Banco Central

TV CULTURA ALTERNATIVA®

YouTube

com Anand Rao



Assita clicando no link

https://www.youtube.com/c/Produ%C3%A7%C3%A3oAnandRaoMultiempreendimentosAnandRao/featured


AQUELA DECLARAÇÃO DO AZIZ CRIOU O MAIOR MAL-ESTAR LÁ EM CASA, MINHA FILHA CAÇULA VEIO ME PERGUNTAR: "PAPAI, O HOMEM MAU DISSE QUE ALGUNS MILITARES FAZEM COISAS FEIAS PRA GANHAR DINHEIRO. O DINHEIRO QUE EU GANHO DE MESADA DO SENHOR NÃO É FEIO, NÃO É?"
E QUANTOS ANOS TEM SUA FILHA?
QUARENTA E TRÊS.
CÉLIUS


CÊ VIU QUE HORROR EM CUBA?
E NA VENEZUELA ENTÃO?
FORA BOLSONARO!!!
Nando Motta

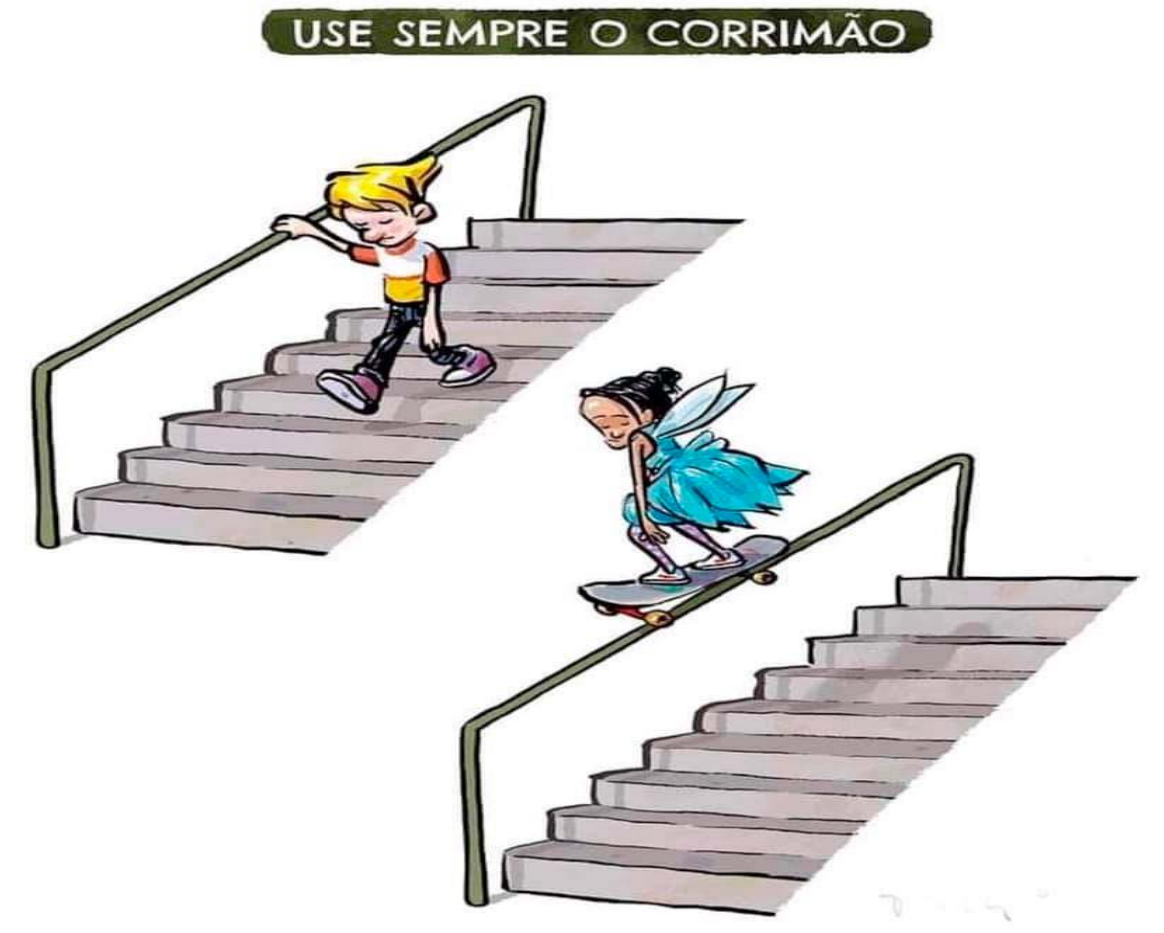

SUBINDO!
GASOLINA
$$$
Nando Motta


516000
MORTES
Nando Motta

@cuecademesa




FOI UM PRAZER!
Nando Motta


USE SEMPRE O CORRIMÃO


MAS O QUE QUE DEU NO COISO?
RABO PRESO!
+fr@nk iR@J@


CO
VA
XIN
DEPOIS DE MIM MESMO...
ARO EIR 2021


ORDEM E PROGRESSO
ANGELI

Aroeira


Estupidossauro Bolsonarus:
a maior besta que já caminhou
sobre a face da terra



Divulgação

Segunda temporada de “Angeli The Killer” estreia no Canal Brasil



Divulgação

https://telaviva.com.br/04/08/2021/segunda-temporada-de-angeli-the-killer-estreia-no-canal-brasil/#.YQwC2ZnMbFM.facebook

Criador da revista “Chiclete com Banana” e de personagens como a boêmia Rê Bordosa e o punk Bob Cuspe, entre tantos outros, o cartunista Angeli serviu de inspiração para a série de animação “Angeli The Killer” – que chega à segunda temporada na próxima quarta-feira, dia 11 de agosto, às 19h15, no Canal Brasil.

Produzida e dirigida por Cesar Cabral, a série nasceu do curta-metragem “Dossiê Rê Bordosa”, filme que ganhou mais de 70 prêmios desde seu lançamento, em 2008. A construção do roteiro parte da mescla de uma estrutura documental, que se inicia com entrevistas com o próprio cartunista, e com adaptações livres de seus personagens e de suas histórias em quadrinhos.

Com temática urbana, crítica de costumes e humor ácido, cada episódio teve uma pauta específica que foi o mote para seu desenvolvimento. As entrevistas com Angeli servem como coluna vertebral para construir quadros de humor com o cartunista em boneco animado; cenas ficcionais com seus personagens; e esquetes animadas, conduzidas por um casal de locutores (Odayr Baptista e Regina Bittar) que dão o tom e unem as cenas. Já os personagens tiveram suas vozes dadas por nomes como Alessandra Negrini, Milhem Cortaz e Paulo Cesar Peréio, entre outros, além de Angeli dublando a si mesmo.

O episódio de estreia da temporada, intitulado “O Cartunista Proletário”, caminha pelos dilemas e problemas na vida do trabalhador e Angeli comenta se traiu a linhagem proletária da família ao se tornar um artista.



Daniele Pezenti /Barbearia Faccini.

www.ospalhacosderua.com.br



www.ospalhacosderua.com.br

Daniele Pezenti /Barbearia Faccini.



Daniele Pezenti /Barbearia Faccini.

www.ospalhacosderua.com.br



Divulgação

Triolé na estrada. Novamente!

Triolé na estrada. Novamente!
Projeto foi suspenso em 2020, e retorna em 2021 em novo formato; elenco avalia impactos e os novos desafios de fazer arte na pandemia

Após 16 meses de suspensão da programação em decorrência da pandemia, o o projeto "Triolé Fora da Estrada no Norte Pioneiro", que leva programação cultural de qualidade para moradores de cidades com menos de 50 mil habitantes no norte do estado retornou às atividades.

A companhia já passou pelas cidades de Jaboti, Conselheiro Mairink, Curiúva e Sapopema. Também serão beneficiadas as cidades de Santa Amélia, Ribeirão Claro, Cambará, Andirá, Barra do Jacaré, Abatiá, Jundiaí do Sul, Ribeirão do Pinhal, Jataizinho, São Sebastião da Amoreira, Carlópolis, Guapirama, Tomazina, Siqueira Campos, Quatiguá, Joaquim Távora, Cornélio Procópio, Assaí, São José da Boa Vista, Wenceslau Brás, Salto do Itararé, Santana do Itararé.
A proposta conta com o apoio da Copel e Incentivo do Profice, Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura, da Secretaria da Comunicação Social e da Cultura, Governo do Estado do Paraná, e prefeituras municipais da região do Norte Pioneiro.

Para garantir o distanciamento social, o grupo – formado pelos atores Alexandre Simioni e Gerson Bernardes – reestruturou toda a programação para o formato híbrido, que contempla ação presencial com cortejo performance a bordo do fusca amarelo da companhia; e atividades on-line com espetáculo, oficinas e filmes que homenageiam a biografia de Mazzaroppi.
"Estamos na expectativa de como vai acontecer na prática, como o público vai receber o projeto, e de garantir a segurança de todas as pessoas envolvidas. Dentre muitos desafios, acreditamos que algumas coisas foram aprendidas e apreendidas nas primeiras 20 cidades e a principal delas é entender que temos que nos adaptar à realidade de cada local, de cada público, tudo isso agora durante uma pandemia", explicam os atores.
Efeitos da pandemia
O Triolé suspendeu o projeto em 15 de março de 2020, período em que muitas atividades foram suspensas em todo o país. "Já vínhamos acompanhando e discutindo internamente essa necessidade, questionando, também, o Governo do Estado sobre as medidas que seriam tomadas com o avanço da pandemia pelo Brasil, e neste dia, junto com muitas atividades, a interrupção foi inevitável."
A retomada do projeto foi algo desafiador para o grupo que viveu, assim como todo o ambiente cultural, longos períodos de incertezas e frustrações. "Retomar o projeto como ele foi pensado em 2017 e realizado até 2020 pareceu muito distante, porque o objetivo do nosso trabalho e desse projeto é justamente provocar o encontro, em outras palavras, aglomeração. Decidimos alterar o formato para que acontecesse de maneira segura para a população beneficiada, e também para a gente."

Os atores já estão na estrada desde junho, realizando visitas técnicas em 26 cidades da região do Norte Pioneiro, produzindo vídeos e finalizando a produção do projeto. "Esperamos manter a conexão buscada no cerne do projeto, que é realizar o encontro com o público e o seu território, agora numa relação híbrida. Queremos também ter com o público uma relação de respiro e esperança, que nos faça agir de maneira a resolver a situação que estamos vivendo, aprender as lições e cuidar das feridas que as perdas estão deixando. Acreditamos que, mais uma vez, a cultura e a arte serão as ferramentas para cuidar das pessoas."


Divulgação

“Distância”, a nova videopoesia do Projeto Pluricoisadas estreia neste sábado


Divulgação

Youtube Pluricoisadas: https://www.youtube.com/channel/UCTZOhLoNOFWOyppLCHvnJqA

Facebook: https://www.facebook.com/pluricoisadas
Instagram (@pluricoisadas): https://www.instagram.com/pluricoisadas/
Patrocínio: Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC)
Rafael Avancini (Projeto Pluricoisadas)

O Projeto Pluricoisadas começou como uma inquietação, uma “Batida”. Este é o nome da primeira videopoesia feita pelo grupo de artistas envolvido no projeto. Foi desde o início experimentação e desejo. A vontade de flertar com a poesia em suas várias faces, pela poesia-vídeo, poesia-música, poesia-rima; pela poesia-ritmo-audiovisual, pela poesia-teatro, pela poesia-imagem, pela poesia-som. Poetizarmo-nos, então, foi a única escolha. A ideia, surgida antes da situação de pandemia, na qual muitas e muitos artistas tem tido de se reinventar e criar conteúdos para internet, se configurou em um projeto aprovado pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC) e iniciou suas atividades em 2020. Idealizado por Herbert Proença, o projeto prevê a criação de 4 videopoesias a serem disponibilizadas nas redes, cada uma com um grupo de artistas diferente: Cia Teatro de Garagem, Banda Caburé Canela, as escritoras e poetisas Flavia Verceze, Vi Karina, Karen Debértolis e Ligia Braga. O primeiro fruto, a primeira vídeo-poesia com a Cia. Teatro de Garagem - “Silêncio que eu não”, foi ao ar no dia 31/01, no Canal do Youtube do Projeto Pluricoisadas.

(https://www.youtube.com/channel/UCTZOhLoNOFWOyppLCHvnJqA).

A segunda videopoesia, “Distância” estreia neste sábado (26/06) as 20h no nosso Canal do Youtube e nas redes sociais do projeto. Esta videopoesia foi realizada com a Banda Caburé Canela, e foram exploradas as linguagens poéticas literárias, musicais e audiovisuais, tendo como material de inspiração um poema de Lucas Oliveira. Uma banda, um bando, uma gente. Um mesmo espaço, vários cômodos. O interno, o isolamento em contraste com ser grupo e o ser coletivo. A distância entre nós é algo novo, ou uma velha conhecida? A videopoesia caminha por caminhos possíveis, direcionando onde nos direciona a consciência. Há sempre um ponto de vista, um ponto de interrogação... antes mesmo de um ponto final.


Divulgação

O projeto também experimenta excertos de cada videopoesia como pílulas poéticas. Apresentando os “Detalhos de Retalhes”, uma série que dá vida aos fragmentos, personagens e imagens poéticas que habitam cada videopoesia, ganhando vida fora do poema. Os vídeos são lançados nas redes sociais do projeto. Além disso, o projeto prevê o lançamento da série de publicações "Vozes outras daqui deste lugar", buscando quem são nosses poetas, poetisas, poetises londrinenses. A série é um princípio de mapeamento, de projeção de outras vozes possíveis no contexto de produção literária em Londrina. O Projeto conta com o patrocínio do PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura).

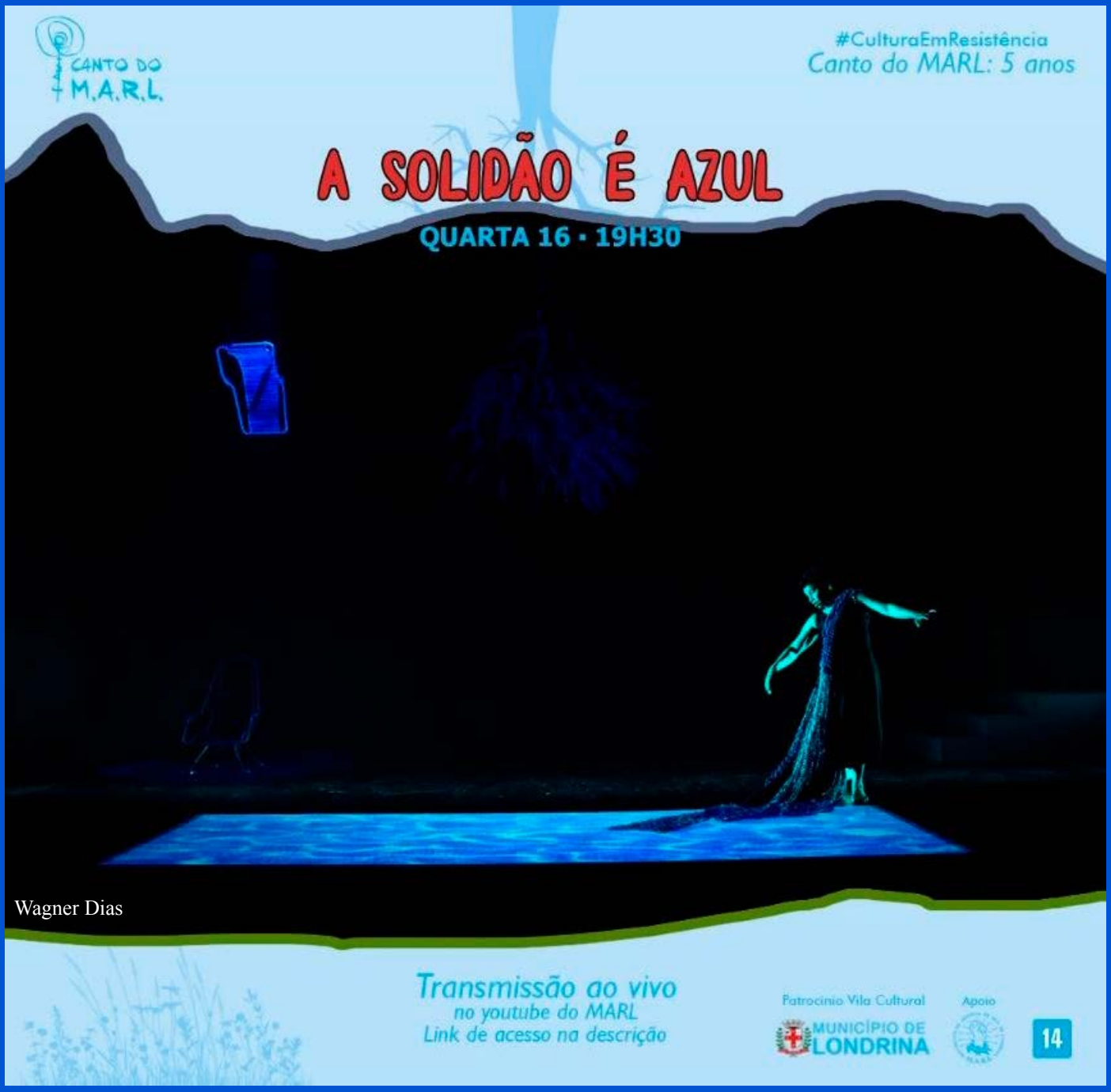


Para mais informações:
Por telefone ou whatsapp: Herbert Proença (43 99674-8524) / Rafael Avancini (11)93440-5988)
e-mail: pluricoisadas@gmail.com
herbert.proenca@gmail.com
Ou entre em contato através de nossas redes sociais
Pluricoise-se!

Canal Pluricoisadas:
https://www.youtube.com/channel/UCTZOhLoNOFWOyppLCHvnJqA
Página do Facebook: https://www.facebook.com/pluricoisadas
Instagram (@pluricoisadas): https://www.instagram.com/pluricoisadas/
Patrocínio: Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC)

Ficha Técnica
Projeto Pluricoisadas
Produção: Herbert Proença e Rafael Avancini
Audiovisual: Fagner Bruno de Souza e Lucas Godoy
Som e trilha sonora: Gabriel Kruczeveski
Arte visual: Rafael PS
Artistas convidados: Cia. Teatro de Garagem (Everton Bonfim, Edna Aguiar, Herbert
Proença, Pedro José e Rafael Avancini), a banda Caburé Canela (Carolina Sanches,
Lucas Oliveira Maria Carolina Thomé, Mariana Franco, Paulo Moraes e Pedro José)
além das poetisas Vi Karina e Flavia Verceze; Karen Devértolis e Ligia Braga.

Espetáculo A solidão é azul traz ao público temas como a solidão e o autocuidado
Com uma rica trilha sonora e os movimentos da Dança Butoh, artista propõe um olhar profundo para as nossas próprias vivências



Wagner Dias

Solange Mello em A Solidão é Azul.

Uma mulher transita por estágios que refletem a solidão das pessoas que sofrem do transtorno psiquiátrico e, principalmente, a incompreensão e a condenação da sociedade. Assim começa a sinopse do espetáculo de dança butoh de Solange Mello que será transmitido pela Vila Cultural Canto do MARL nessa quarta-feira às 19h30 pelo Youtube.

Nesse espetáculo, o público será convidado a acompanhar a dança, entre notas líricas do piano e momentos de cordas tensionadas, e a exclamação de vozes anônimas. Ações sonoras para as quais o corpo reage com expressões pungentes ou com a sutileza dos pequenos movimentos.

Características da dança oriental Butoh, que Solange pesquisa há pelo menos duas décadas e que incorporou de modo muito pessoal à sua arte, são dessa forma ressaltadas.

A artista explica que desenvolveu seu próprio Butoh porque essa é uma dança que necessita de uma carga de vida mais extremada e convida a todos para conhecer essa nova linguagem de dança. "Eu desenvolvi o meu Butoh, fruto das minhas vivências, uma técnica que é pouco usada aqui em Londrina" – Explica Solange Mello.

As palavras de Clarice Lispector em "Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres" poderiam resumir "A Solidão é Azul", espetáculo da dançarina Solange Mello, de Londrina: "Ela estava só. Com a eternidade à sua frente e atrás dela. O humano é só".

O trabalho aborda a perspectiva do enclausuramento, nos convida dessa forma a adentrarmos em nossas profundas camadas de solidão. Nisso, vemos a presença do autocuidado, que antes se ignorava, mas que se apresenta neste momento, imprescindível.

O espetáculo foi desenvolvido em 2018 após a atriz ter superado uma grande depressão e o texto foi desenvolvido por Renato Forin. "A solidão é azul" ressalta os interstícios de uma mulher que encontrou no movimento o que nos aproxima enquanto humanos: a capacidade de expressarmos os indizíveis sentimentos que a solidão nos revela.

O solo estreou em sua versão integral no 16º Festival de Dança de Londrina, em outubro de 2018. Participou do Festival de Teatro de Ibiporã (Festibi) no mesmo mês e também teve um trecho exibido no 24º Mercosul em Dança, em 2018 na Argentina. Também contemplado no Edital 02/2020 de Chamamento para Licenciamento de Conteúdo Cultural Digital - Cultura Feita em Casa, pela Secretaria do Estado da Comunicação Social e da Cultura (SECC-PR).

Para assistir, basta acessar o youtube da Vila Cultural Canto do MARL nessa quarta-feira às 19h30. Os espectadores poderão participar enviando seus comentários. A transmissão faz parte da Cultura em Resistência, a programação online da Vila Cultural Canto do MARL. A vila conta com o patrocínio do PROMIC, o programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina e o apoio do MARL, o Movimento de Artistas de Rua de Londrina.

Serviço: Espetáculo:

"A solidão é Azul" de Solange Mello

Onde?

https://www.youtube.com/watch?v=AuUc331GZxA

Mellina Torres Freitas, secretária de cultura do Estado de Alagoas



Divulgação/Mellina Torres Freitas

Prosseguindo com a cobertura que a Revista D'arte tem feito sobre cultura nacional, pandemia e Lei Aldir Blanc esta edição traz Mellina Torres Freitas, secretária de cultura do Estado de Alagoas. Sua biografia, seus desafios à frente da pasta, a pandemia e os esforços em torno do socorro ao meio cultural são temas da entrevista com o jornalista e músico Aldo Moraes.

Olá Mellina Torres Freitas é uma satisfação conversar com você através da Revista D'arte. Nos fale um pouco sobre sua trajetória profissional

Olá, gente! Sou Mellina Freitas, atual secretária de Estado da Cultura de Alagoas (2015-2021). Sou Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Maceió (FADIMA), Fundação Educacional Jayme de Altavilla, 2007, e MBA em Gestão Pública pela Unyleya (2020). Escritora e poetisa, com vários trabalhos publicados, como O Vôo das Borboletas (2005) e Cacilda, Mulher Coragem (2012). Membro efetiva da Academia Maceioense de Letras, ocupando a Cadeira 27; integrante do Grupo Literário Alagoano; e ex-Prefeita do Município de Piranhas (2008 a 2012), tendo desenvolvido no âmbito cultural, dentre outras iniciativas, as seguintes ações: implantação do Centro Cultural Miguel Arcanjo de Medeiros; construção do Conservatório de Música Municipal; implantação do Grupo Armorial de Piranhas - GEMAP; implantação do coral Cantos do Velho Chico; criação do Grupo de Chorinho Chorões do São Francisco; criação do Grupo de Xaxado Cabras de Lampião; construção do Observatório José Brandão de Sousa; aquisição da canoa (tipo chata) EntreMontes, para resgate da história do Baixo São Francisco.

Vivemos uma pandemia há mais de um ano e o setor cultural foi o mais atingido já que outros setores ainda passaram por momentos de atividades parciais. O que esperar de 2021?

Infelizmente, o ano de 2021, que já está encerrando o seu primeiro semestre, já mostra que não haverá muita diferença do que vivemos no ano passado. Um ano e quatro meses após o início da pandemia, ainda vivemos um período muito crítico, onde o vírus está se proliferando cada vez mais rápido, atingindo diferentes faixas de idades.

Então é de se esperar mais um ano muito difícil para o segmento cultural, que desde o principio foram os primeiros a parar e que será um dos últimos a voltar à normalidade, por terem na sua essência de atividades o efeito de aglomeração. De toda a forma, com os aprendizados desse período, estamos trabalhando para que aos poucos alguns segmentos consigam retomar seus projetos, suas atividades e ações, respeitando as recomendações das organizações de saúde.



Divulgação

Quais os desafios da Lei Aldir Blanc em Alagoas?

O primeiro desafio foi formatar e construir uma ferramenta para cadastrar os fazedores de cultura do Estado, uma vez que os municípios não dispunham dessa relação atualizada, para que pudesse ser cumprido o dispositivo da lei.

Outro desafio foi realizar os diálogos setoriais por segmentos, com o intuito de ouvir a demanda e perdas desses grupos durante a pandemia e realizar um plano de trabalho efetivo e que contemplasse o maior número de fazedores de cultura, fazendo com que a verba federal chegasse diretamente à ponta, que são os nossos agentes culturais.

Como você enxerga a cultura no pós-pandemia?

Nós vimos o quanto a cultura é importante durante esse período de pandemia. A pandemia fez com que a cultura, assim como os outros setores, se reinventasse e procurasse outros meios para dar continuidade às suas atividades. Foi através da cultura que as pessoas conseguiram se apegar a alguma coisa durante a pandemia. Música, livros, filmes, culinária, artesanato. Tudo é cultura.

A pandemia fez com que a sociedade tivesse um olhar mais sensível à cultura e entendesse melhor as ações culturais e sua importância. Eu enxergo a cultura pós-pandemia como um movimento forte, um movimento essencial na sociedade e que deve entrar de uma maneira reinventada, com muitas coisas feitas online, para que seja mais bem difundida a arte.

Sabemos do esforço dos gestores estaduais em chegar aos mais distantes municípios e de democratizar o acesso aos recursos da LAB e outros recursos para a cultura. Deixe uma palavra aos leitores da Revista D'arte

Continuem se cuidando, seguindo as recomendações das organizações de saúde. Que a gente possa muito em breve voltar a ter atividades de grande porte, mas isso também depende de cada um fazendo sua parte. Que a gente possa cada vez mais valorizar nossa cultura, em especial, os nossos artistas locais, que passaram e passam por muitas dificuldades.

LINKs secretaria:

Site: http://cultura.al.gov.br/

Instagram: https://www.instagram.com/SECULTAL/

Twitter: https://twitter.com/secultal

Youtube: https://www.youtube.com/c/secultalagoas

Facebook: https://www.facebook.com/SecultAlagoas/

Spotify: https://open.spotify.com/user/seculta?si=71820253db314697

Links da secretária:

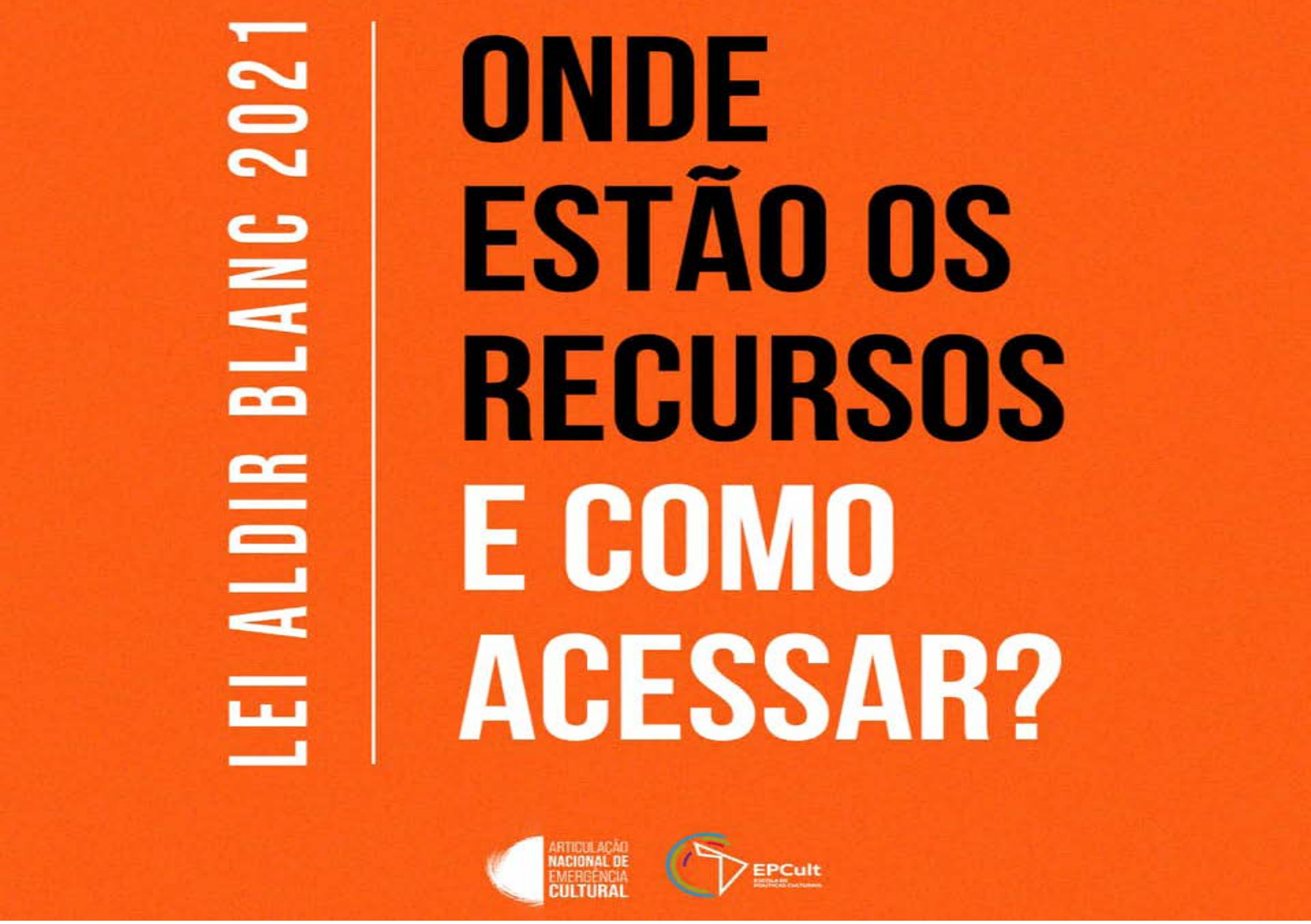
Instagram: https://www.instagram.com/mellinafreitas/

Facebook: https://www.facebook.com/mellinafreitas

Twitter: https://twitter.com/mellinafreitas



Divulgação



LEI ALDIR BLANC EM 2021: ONDE ESTÃO OS RECURSOS E COMO ACESSAR?

A prorrogação dos prazos para execução dos recursos remanescentes da Lei Aldir Blanc em 2021 já está autorizada, e os prazos estão correndo! Se você é gestor ou agente cultural, precisa saber onde estão esses recursos, quanto efetivamente existe em seu estado ou município, e o que é preciso fazer para ter acesso a eles!

Estados, Distrito Federal e municípios com recursos remanescentes em conta já podem lançar seus editais e outras modalidades de apoio em manutenção e auxílios emergenciais! Gestores e agentes culturais precisam estar atentos e mobilizados, pois os prazos são curtos para o cumprimento de todas as etapas necessárias, e o prazo para execução final destes recursos é o dia 31 de dezembro de 2021. Mobilize o fórum ou conselho de cultura de sua cidade ou estado, converse com os gestores de cultura, mobilize o órgão gestor das políticas culturais de sua localidade. A hora é essa!

Trazemos aqui um pequeno resumo com informações básicas, para que estes recursos possam chegar o mais rapidamente possível na ponta, beneficiando a quem mais precisa!

RECURSOS REMANESCENTES NOS ESTADOS E DF: Existem no momento R$454.808.496,00 disponíveis na conta dos estados e do Distrito Federal, ou 28,11% do total de R$1,5 bilhão repassados em 2020. Recursos que podem ser utilizados em novas rodadas de auxílio emergencial ou em editais de fomento e premiações em diversas linguagens e modalidades artísticas e culturais.

>> Acesse a relação do saldo remanescente de recursos por estado e no DF:
https://cutt.ly/QQlqJki

RECURSOS REMANESCENTES NOS MUNICÍPIOS: Restam ainda R$319.173.158,00 nas contas dos municípios, ou 25,5% do total de R$1,5 bilhões repassados em 2020. Recursos que podem ser utilizados em novos editais de fomento e premiações em diversas linguagens e modalidades artísticas, ou em programas de manutenção de espaços e iniciativas culturais.

>> Acesse a relação completa:
https://cutt.ly/ZQlqVsQ

#LABProrrogadaPraValer Ver menos

HU/UEL completa 50 anos e ganha novo logotipo e selo comemorativo

https://operobal.uel.br/sociedade/2021/08/02/hu-50-anos-ganha-logotipo-selo-comemorativo/

Em primeiro evento comemorativo oficial dos 50 anos, na última sexta-feira (30), o Hospital Universitário (HU/UEL) apresentou à comunidade interna o novo logotipo da instituição e o Selo 50 Anos. O aniversário foi domingo, 1º de agosto. Tanto a logo como o Selo foram produzidos em parceria entre o artista plástico Wilson Inácio e a escritora Maria Angélica Constantino, ambos ex-alunos da UEL. As criações foram doadas ao Hospital pelos dois.

Os autores dos trabalhos também produziram pequenas esculturas, simbolizando o Jubileu de Ouro do HU, que foram doadas, simbolicamente, às quatro diretoras do Hospital.
As esculturas ficarão nas respectivas diretorias.



Luiza Moriya (clínica), Vivian Feijó (superintendente), Daiane Cardoso (administrativa), e Magali Godoy (enfermagem).

Ex-alunos da UEL

Segundo relatos de ambos, prevaleceu no trabalho a concepção moderna e linguagem atual. A ideia foi de retribuir à UEL e ao HU por tudo que essas instituições proporcionaram na formação dos dois. Wilson é formado em Arte Visual pela UEL, é editor de arte e cultura de uma revista digital interativa, foi professor do Centro Cultural de Cambé, além de desenvolver projetos culturais, pintura, gravura, audiovisuais, entre outros. “Todo profissional deveria oferecer essa contrapartida, retribuir de alguma forma. E vimos nessa doação uma oportunidade”, relata Wilson.

Maria Angélica é escritora, conhecida na região, formada em Administração na UEL, que se considera profissional com atuação em várias áreas. “Sou fruto da UEL”, considera. “Tenho vínculo muito grande e afetivo com a UEL e quero retribuir de alguma forma o que recebi dela”, afirma.



divulgação/Secom-HU/UEL



Wilson Inacio

Além de dirigentes do HU e demais convidados, participaram da solenidade o reitor da UEL Sérgio Carvalho, o vice-reitor Décio Sabbatini Barbosa e o diretor do Centro de Ciências da Saúde (CCS), Airton José Petris.



divulgação/Secom-HU/UEL

Hospital Universitário
UEL - Londrina
50 anos



NOSSA HOMENAGEM A TODOS OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE, NOSSA LINHA DE FRENTE NO ENFRENTAMENTO A COVID-19

D-ARTE ENTREVISTA JOÃO RICARTE, VOLUNTÁRIO DO BATUQUE NA CAIXA

Seu cargo hoje na Empresa: Gerente Executivo da Qualidade

(RF) Olá João, fale um pouco de sua vida acadêmica e trajetória profissional.

Minha vida acadêmica começou na instituição SENAI, através de cursos de aprendizagem industrial, e para onde voltei, após muitos anos, para cursar MBA em Gestão de Projetos.

A minha busca contínua pelo aprendizado me levou a fazer diversos outros cursos ao longo dos anos, como o de Técnico em Eletrotécnica, graduação em Automação Industrial pela UTFPR, graduação em Engenharia Elétrica e MBA em Gestão Empresarial pela FGV, além de pós-graduação em Gestão Empresarial pela BSC Business School, e curso de língua inglesa no Canadá. Também obtive certificação pelo instituto Dale Carnegie e certificações Black Belt em Lean Six Sigma e CPMI (Certified in Production and Inventory Management) pela ABAI.

Minha vida profissional começou muito cedo. Ainda adolescente, trabalhei em vários ramos, porém, consolidei minha carreira na área industrial. Iniciei atuando por dois anos no segmento de geração e distribuição de energia e, logo depois, me tornei colaborador da Elevadores Atlas Schindler, onde atuo até hoje. Ingressei como técnico e fui me desenvolvendo em diversas posições até o meu cargo atual de gerente executivo da Qualidade.

(RF) Vimos que tem apoiado junto com a equipe Atlas Schindler as famílias carentes do Projeto Batuque na Caixa. O que o levou ao engajamento?

A Elevadores Atlas Schindler é uma companhia com valores muito sólidos, com os quais os colaboradores se identificam (Segurança, Qualidade, Criar Valor para o Cliente, Compromisso com o desenvolvimento de pessoas, Integridade e Confiança).

O comitê executivo da empresa sempre se preocupou em dar uma visão de longo prazo aos negócios, e foram muito assertivos no começo da pandemia em definir as prioridades para o cenário: “Integridade dos colaboradores e familiares”, “Manter o atendimento aos clientes” - uma vez que prestamos um serviço essencial à sociedade - e “Continuidade dos Negócios”. Portanto, nosso engajamento vem da consciência do papel da empresa na sociedade, e os



Divulgação

colaboradores compartilham deste espírito.

(RF) Quais são os seus sonhos futuros?
Acredito que o nosso futuro é moldado através das atitudes que temos hoje e, por isso, meu sonho é acordar a cada dia e aprender com cada pessoa que tenho interação. Se conseguirmos ser hoje um pouquinho melhor do que fomos ontem, certamente não só o nosso futuro será bem desenhado, mas também curtiremos a jornada.
(RF) Deixe uma palavra ao leito da Revista D-Arte!
Estamos passando por um momento único e, mais do que nunca, temos que repensar nossos valores e lembrar que “O pouco para nós, pode ser o TUDO para outros”. Através de pequenos gestos podemos, literalmente, mudar a vida das pessoas. Sejamos solidários com o próximo!


Divulgação Ricardo França

SÉRIE AMIGOS DO BATUQUE NA CAIXA

Sou Ricardo França e tive o prazer de bater um papo com Luana Barreto! Aqui temos o prazer de entrevistar a cantora e atual Diretora do Canto Por La Paz Luana Barreto.

Luana nasceu em Londrina e canta desde os 3 anos de idade. Começou como muitos cantando por hobby para os amigos depois em barzinhos da cidade. Quando ficou desempregada e com a mãe com câncer resolveu retomar a carreira como cantora. A carreira foi tomando corpo com passar do tempo hoje com a Música "Vida Nova" tocada em todos os estados brasileiros e no exterior e Recentemente empossada como Diretora Cultural do Projeto Internacional Canto Por La Paz Luana nos agracia com um pouco mais de sua história.

(RF) Luana qual foi a Sensação de aceitar o cargo de Diretora deste projeto Canto Por La Paz?
Nossa, primeiro que eu não esperava o convite, mais a emoção falou mais alto. Claro a vida toda nos buscamos reconhecimento, porém nunca imaginei que um dia estaria fazendo parte de tudo isso! Mais a sensação é de orgulho por representar nosso país e nossa cidade que amo tanto!

(RF) Qual o primeiro passo que dará para ajudar o projeto Canto Por La Pas?
Estou montando minha mesa diretiva para começar com as ações. Mais já comecei a visitar algumas entidades para quanto me reunir com meus companheiros estudarmos o que podemos fazer para ajudar nas dificuldades que apresentam.

(RF) Você foi indicada a madrinha do Batuque na Caixa. Como se sente a esse respeito e como pensa para o futuro?
Meu Deus Batuque na Caixa!!!! Explodindo de felicidade, o projeto mundial também me deixou assim, porem a diferença é que aqui na nossa cidade vou poder estar pertinho, acompanhando, envolvida com as crianças, é um projeto cultural onde a arte está envolvida. Sei das dificuldades das nossas crianças aqui, pois tive o prazer de conhecer algumas pessoalmente. E para o futuro penso em dar o meu melhor trabalhar junto com o projeto em busca de recursos para que ele cresça cada vez mais, sem contar na questão de ser exemplo sempre!

(RF) Deixe uma palavra para o leitor da Revista D-Arte:
Nunca em hipótese alguma fale para uma criança que ela não é capaz, não destrua seus sonhos! Apoie mesmo que seja com palavras de motivação, e principalmente lhe valorize e diga o tempo todo o quanto ela é importante é amada! PLANTE E TRANSBORDE O AMOR! Pois é isso que falta no mundo, o amor ao próximo! "A humildade está no DNA DO VENCEDOR!"

Professor CREF 6262, escritor e consultor, Ricardo França tem mobilizado campanhas nos últimos anos em prol do Lar das vovozinhas e do batuque na caixa. França também colabora com o blog Arte Brasil, Revista D'arte e TV Cultura Alternativa e; comanda o bate papo Alta Performance, na rádio Paiquerê.




Divulgação

Vila Cultural Canto do MARL promove leitura online no dia internacional dos povos indígenas



Nesta segunda-feira (09/08), o Curso Livre de Teatro de Rua (CLTR) da Vila Cultural Canto do MARL realizará mais uma atividade pública transmitida pelo Canal do Movimento de Artistas de Rua de Londrina no YouTube. ECOS DA FLORESTA é um exercício de leitura online coletiva do livro A Vida Não É Útil de um dos mais influentes pensadores da atualidade, Ailton Krenak.

A partir dos estudos teóricos sobre o Teatro de Rua e Presença, a turma de alunas/os do CLTR e o professor Rogério Francisco Costa dialogaram com uma bibliografia diversa, a fim de ampliar o pensamento sobre teatro e cidade, por meio de perspectivas diversas como da arte, da história, da política, da filosofia, das cosmovisões.

Esta leitura pretende ecoar as ideias do pensador indígena que, com sua lucidez, coloca em xeque o entendimento de "humanidade", denunciando a ação predatória do ser humano no planeta Terra. É uma atividade pedagógica que celebra o Dia Internacional dos Povos Indígenas, ecoando conhecimentos ancestrais, no desejo de tornar possível a construção coletiva e efetiva de um "novo amanhã".

O Módulo 3 do CLTR segue com as aulas internas até o mês de outubro de 2021. A professora Edna Aguiar está coordenando processos criativos com a turma, a partir de elementos

ECOS da Floresta: Leitura coletiva de Ailton Krenak

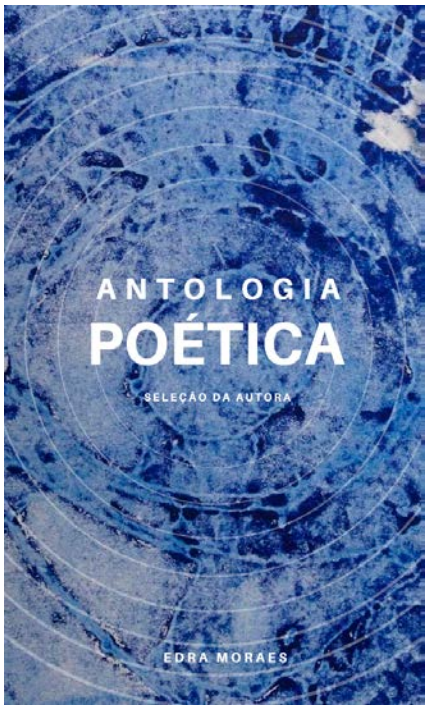
de sua pesquisa como cantos de tradição, criação e contação de histórias. Cada aluna/o está compondo cenas individuais em sua casa, em diálogo com o contexto digital. Os resultados criativos do trabalho com Edna serão compartilhados com o público em geral finalizando esta edição do curso, no mês de outubro.

Onde?

YouTube

https://www.youtube.com/watch?v=oY_UP263RGg





http://www.prcultura.pr.gov.br/Pagina/Antologia-Poetica-Selecao-da-autora?fbclid=IwAR1bbGGYl7qE-ofbP2mBS0WamJ5E5Mxt92IB-I8i4n-FG9QnrMiLZqpje9jmw#

Reunindo 10 anos de trabalho, a antologia poética de Edra de Moraes é uma celebração das vozes femininas, mas também exibe as nuances e aspectos sombrios da sociedade, camuflados na normalidade. Escrever poesia sobre questões sociais é muito delicado, é uma espécie de espada de dois gumes, mas é um trabalho importante porque nos ajuda a protestar contra a complacência, compreender e apreciar o mundo ao nosso redor. A força da poesia está em sua capacidade de lançar uma luz sobre o mundo, de forma que a verdade apareça, sorrateiramente. É um mergulho num mar de rosas e espinhos, mas de um perfume tentador na obra da poeta cujas temáticas variadas giram em torno das necessidades que nos atraem para a poesia nos momentos mais decisivos das nossas vidas: crescimento, amadurecimento, amor, perda, dores e injustiça.

“Sem dúvida, a poesia nos ensina a viver.”

Autor
Edra de Moraes





Adquira a biografia de
Maria Helena que traz também uma visão sobre Londrina



Valor: R$ 20,00

À venda no Sebo Capricho

Sebo Capricho: Rua Mato Grosso, 211- Centro Londrina Fone (43) 3324-9460
Site: https://www.sebocapricho.com.br/


GERALIGADO.COM.BR
POP ART
MONA ENTERTAINMEN



Wilson Inacio/Divulgaçao

Fossil



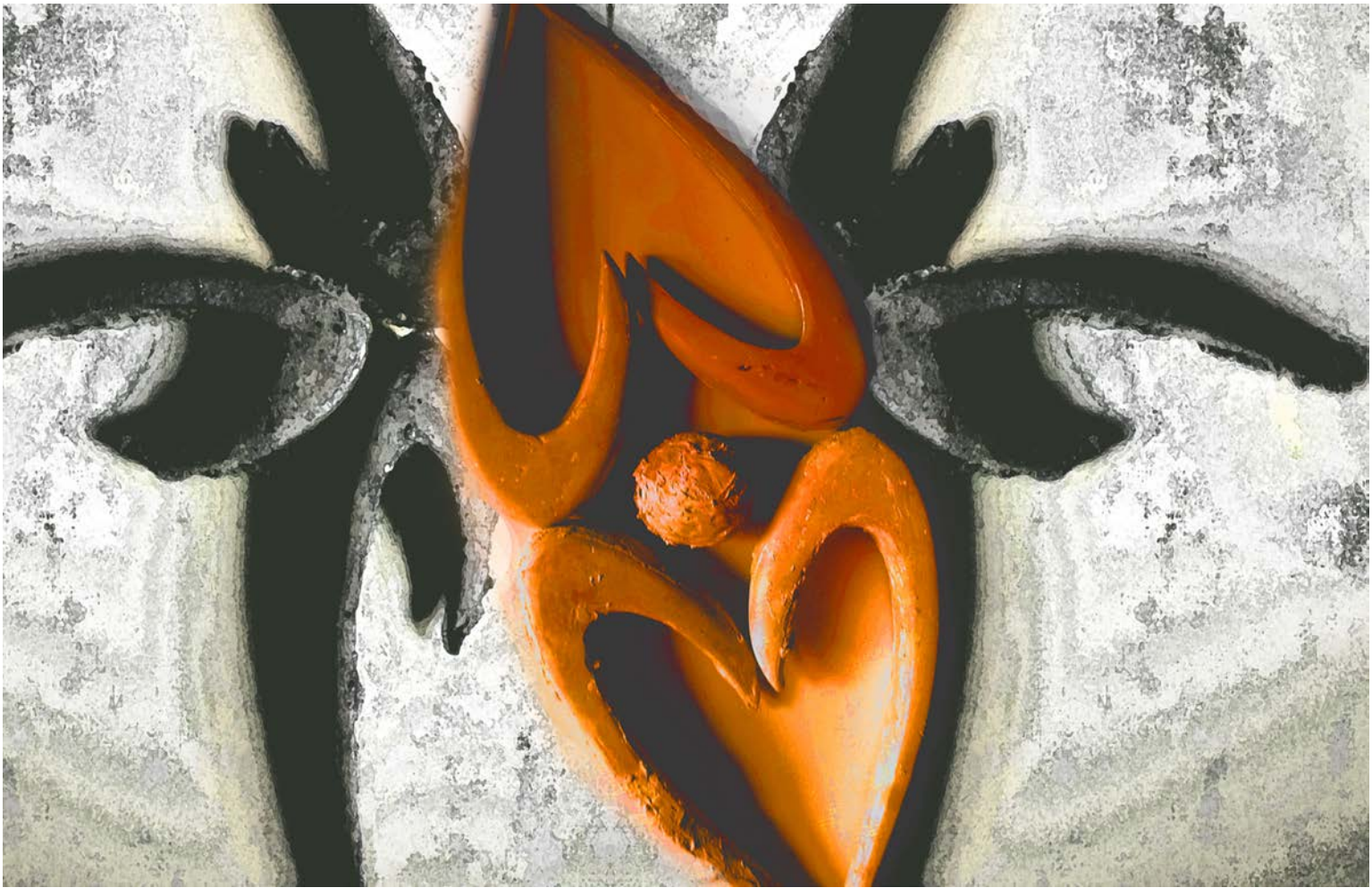
Objeto - Gesso e resina poliester - 2021



Objeto - Gesso e resina poliester - 2021



Objeto - Gesso e resina poliester - 2021



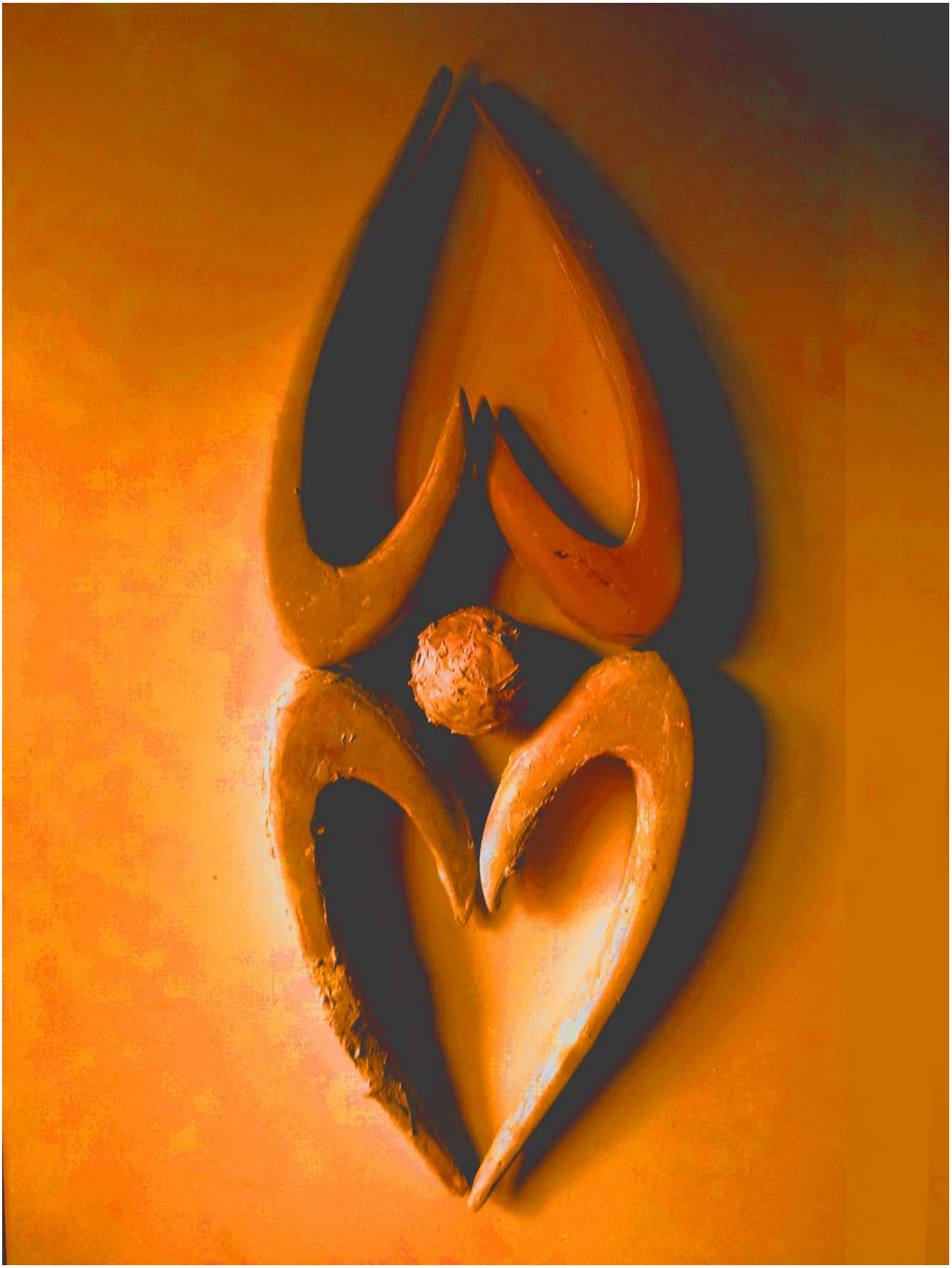


Objeto - Gesso e resina poliester - 2021





Objeto - Gesso e resina poliester - 2021



Objeto - Gesso e resina poliester - 2021



Objeto - Gesso e resina poliester - 2021



Objeto - Gesso e resina poliester - 2021

Jorgeane das Neves Santos Borges

A revista D’arte apresenta a fotógrafa Jorgeane das Neves Santos Borges, 35 anos de idade,, residente no município de Indiaroba, Estado de Sergipe. O intercâmbio Londrina/Indiaroba faz parte das relações de irmandade entre os 2 municipios por meio do Instituto Cultural Arte Brasil.

A ARTISTA

Em 2019, Jorgeane fez o curso de educação patrimonial e de fotografia ministrado pela escola de fotografia studio f2.8 photography e promovido pela Secretaria de Educação de Indiaroba. Foi durante este curso, ministrado pelo fotógrafo Seiji Hiratsuka, que teve a oportunidade de aprimorar o seu olhar fotográfico e conhecer as técnicas necessárias de composição para se obter uma boa fotografia.

Suas obras integram o acervo da Galeria Plural Mais, em Aracaju/SE. Também tem recebido destaque nas redes sociais, tais como @revelandosergipe, @sergipetradetour e @ prefeituradeindiaroba.

INDIAROBA

A irmandade entre Sergipe e Paraná data de outubro de 2017. Com cerca de 18 mil habitantes, Indiaroba está no Sul do Sergipe e além das belezas naturais tem um forte histórico de cultura popular onde se destacam: o lambe sujo; o tradicional São João; o samba de coco; os fogueteiros; a culinária típica (cuscuz, carne seca; o mungunzá) e a festa dos pescadores no dia 25 de dezembro.



Fotografia: Amarradouro



Fotografia: Cocal



Fotografia: Divindade



Fotografia: Flutuante



Fotografia: Maos que tecem



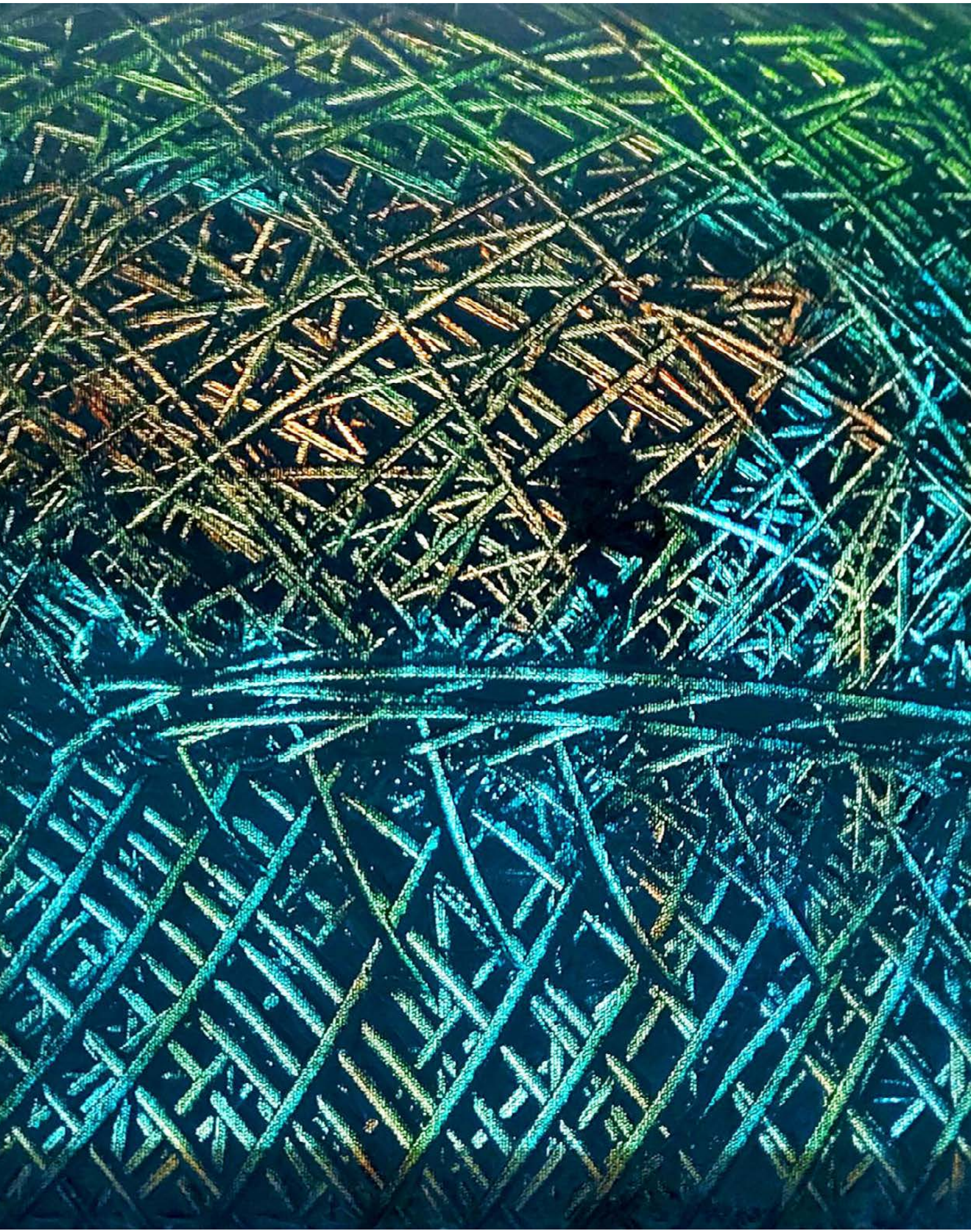
Fotografia: Pescador



Fotografia: Tocador de Cuica

Jonathas Rodrigues Pereira

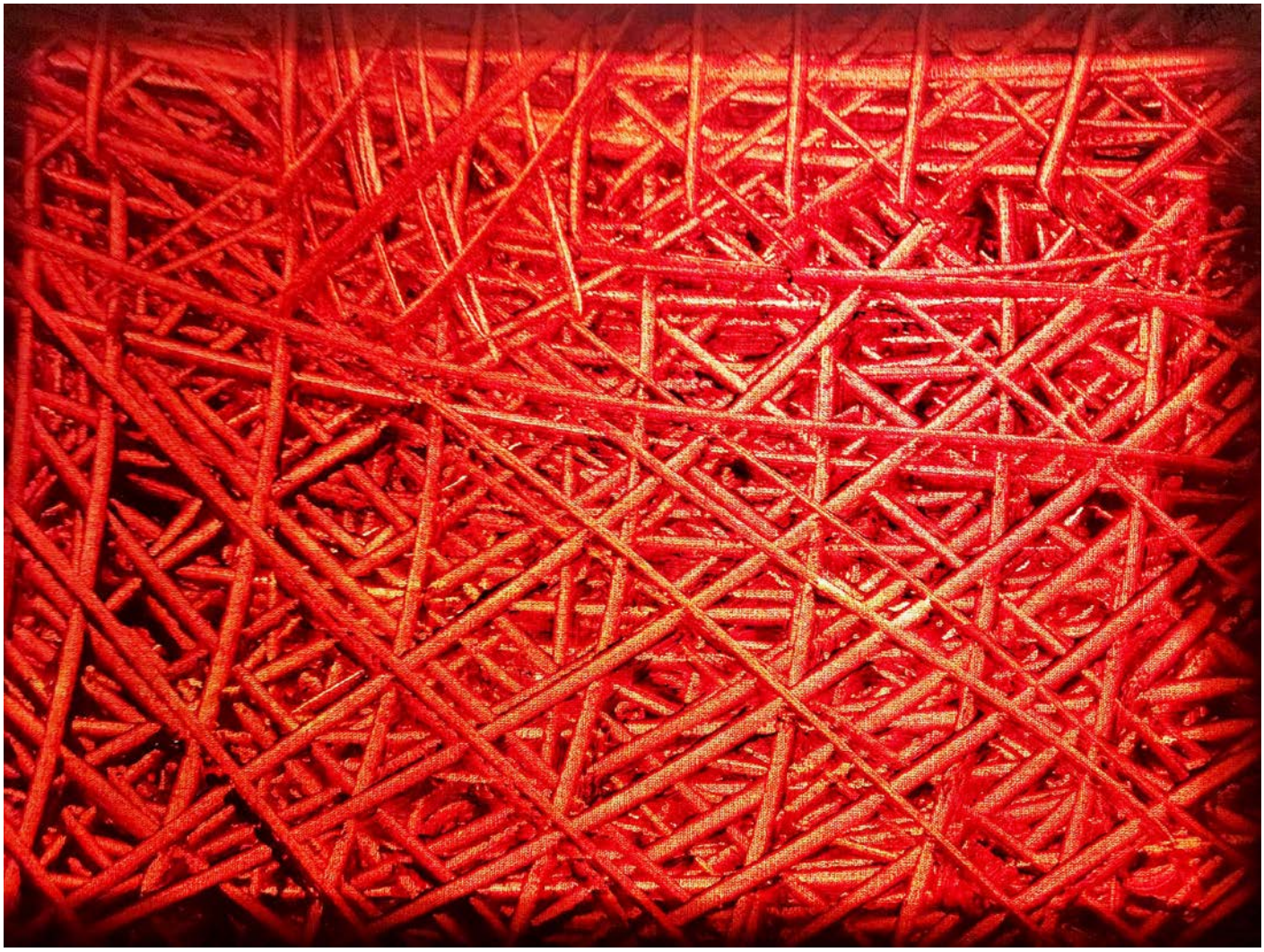
“Estes Quadros apenas revelam sua beleza atrás de uma luz”



Acrílica sob tela - Dimensão: 30x40 / Cambé 2021



Acrílica sob tela - Dimensão: 30x40 / Cambé 2021



Ronan Paes - RJ - Brasil







SICREDI

Gente que coopera cresce.



José Inácio Alves de Oliveira nasceu no dia 11 de junho de 1911, no povoado Bolandeira, em Arauá/SE; e, faleceu no dia 1º de agosto de 2007, em Aracaju/SE.

Pintor e caricaturista iniciou sua trajetória nas artes aos dezoito anos de idade, ao interpretar Judas em um auto encenado na Semana Santa, na Colina do Santo Antônio. Um ano depois, começou a sua carreira como pintor, tendo como seu primeiro mestre o pintor e matemático Quintino Marques. Trabalhou para jornais e revistas e, ainda, vendeu poemas nas ruas com o pseudônimo de Inácio Ventura.

Recebeu do Governo Augusto Maynard uma bolsa para estudar na tradicional Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro, ficando lá, apenas, pouco mais de um ano. Sua formação artística foi no laboratório da vida, na experiência vivida, nas dificuldades do dia a dia. Fez grande amizade com o mestre Jordão de Oliveira, seu professor em sua rápida passagem pela Escola de Belas Artes e grande incentivador. Dele, J.Inácio recebia ensinamentos, conselhos, material para pintura e guarida em sua casa, na Ilha do Governador.

Suas obras são a mais próxima expressão da alma sergipana. Viveu muito, 96 anos, J. Inácio teve tempo de mesclar a sua arte, mas preferiu afirmar-se na repetição, deixando para os críticos o problema teórico da interpretação, como ele próprio prometeu, certa feita, ao falar de si mesmo. É certo que seu filho Caã herdou formas e cores, ainda que mantenha-se tímido, sem querer trafegar na esteira do modelo do pai.

Sobre o artista

Sua primeira exposição data de 1931, na antiga Biblioteca Pública de Aracaju. Em 1940, no Rio de Janeiro, realizou uma exposição individual no Liceu de Belas Artes. Ainda no Rio, no Salão de Artes Plásticas do Rio de Janeiro, logrou prêmios como a medalha de bronze, em 1943 e Menção Honrosa, em 1944.

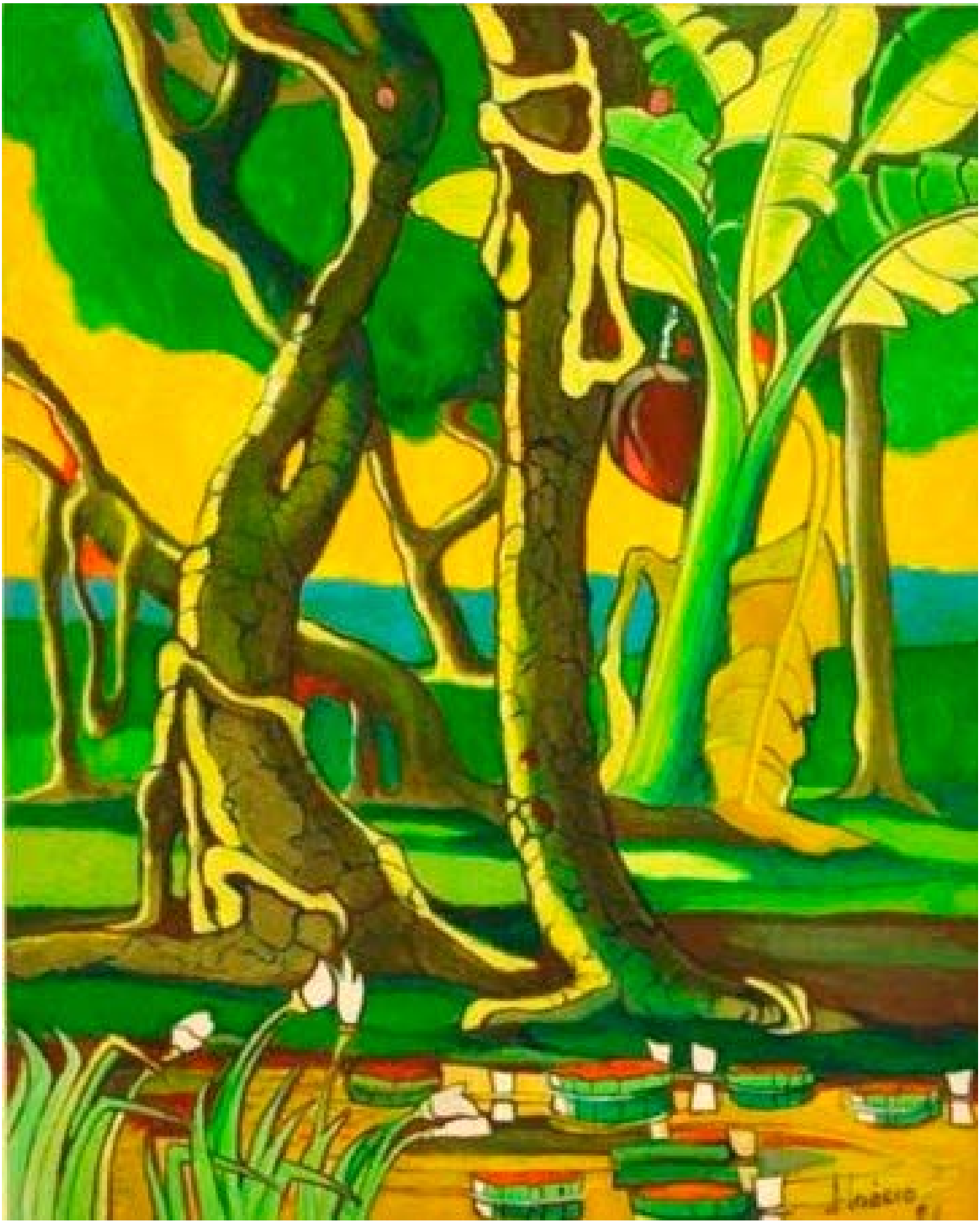
Inácio não precisou da morte para ser "santificado" entre os sergipanos. Sua vida errante, desapregada dos cânones tradicionais, não justifica, apenas, as três viagens que fez, a pé, do Rio de Janeiro, nem mesmo a convivência turbulenta com seu irmão santo, Padre Pedro. Sem casa, sem rumo diário para o exercício da sobrevivência, simplesmente tocou o cotidiano, sem requerer fortunas, ou mesmo soldos ou salários que pagassem suas magras contas. Vendeu quadros geniais como quem vende bananas, sem qualquer preocupação em diferenciar uma coisa da outra. Não raro foi tido como doido, eufemismo popular de patologias diversas de loucura, mas a tudo resistiu, com uma ponta de ironia, marcante em seu passeio de quase um século pelo mundo.

Não há, ainda, um inventário da obra inaciana. Nem da quantidade, tarefa desafiante, nem da qualidade, que vai exigir análise crítica. Há, contudo, alguma coisa escrita em torno da figura do artista, com reprodução de sua arte.

Fonte: site Guia das artes



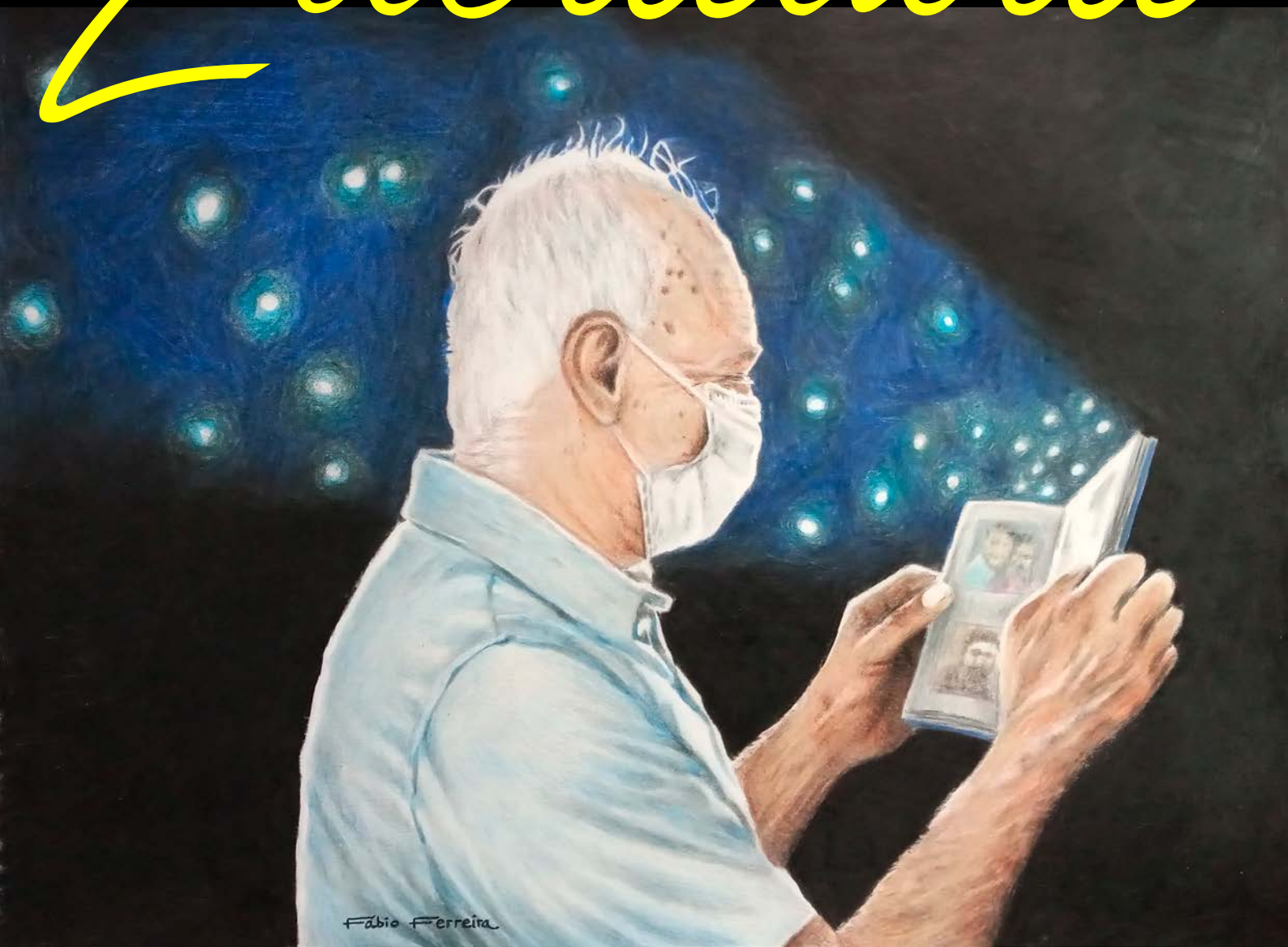




D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#18 CADERNO DE *Literatura*



Riva

O vento que venta aqui é o mesmo que venta lá!

Quero!
Vacina,
Vida,
Fora genocida!

Quero!
Que o vento desalinhe seus poucos cabelos meu Pai onde estiveres.
Que traga o perfume das suas histórias impregnado no tempo
Conspire contra as memórias tristes dos que ficaram.
Leve para longe os que negaram o risco da morte e sorriram sem máscara.
Mantenha distante quem quis a volta dos calabouços e mandou que nos calasse.

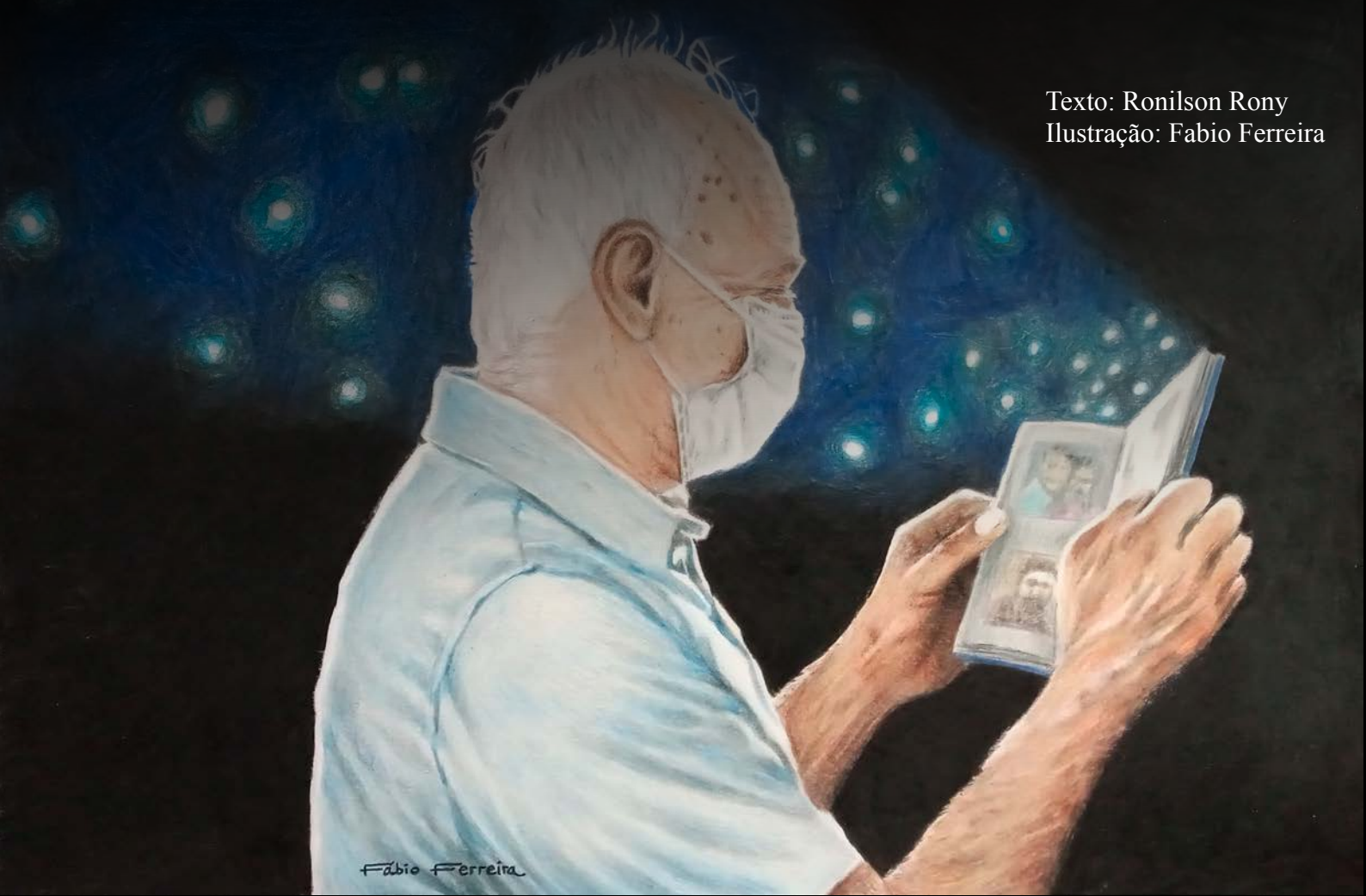
Vento, vento, vento.
Seja suave e as vezes intenso com os amores que sobreviveram .
Que venha forte e vergue o arrogante em reverências ao humilde
Chegue assobiando um lamento para nunca esquecermos os que não tiveram chances contra o vírus .

Que ao ventar nova era possamos lembrar do erro cometido:

O ser homem é misero e vencível diante da sua própria ignorância.

Sinta esta brisa! Juntos, vacinados e mascarados,venceremos!

Texto: Ronilson Rony
Ilustração: Fabio Ferreira



Quer colaborar com o nosso projeto?

FAZ UM PIX

CHAVE:
CPF: 18462125880

D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



pix
powered by Banco Central



SE EU TIVESSE ASAS

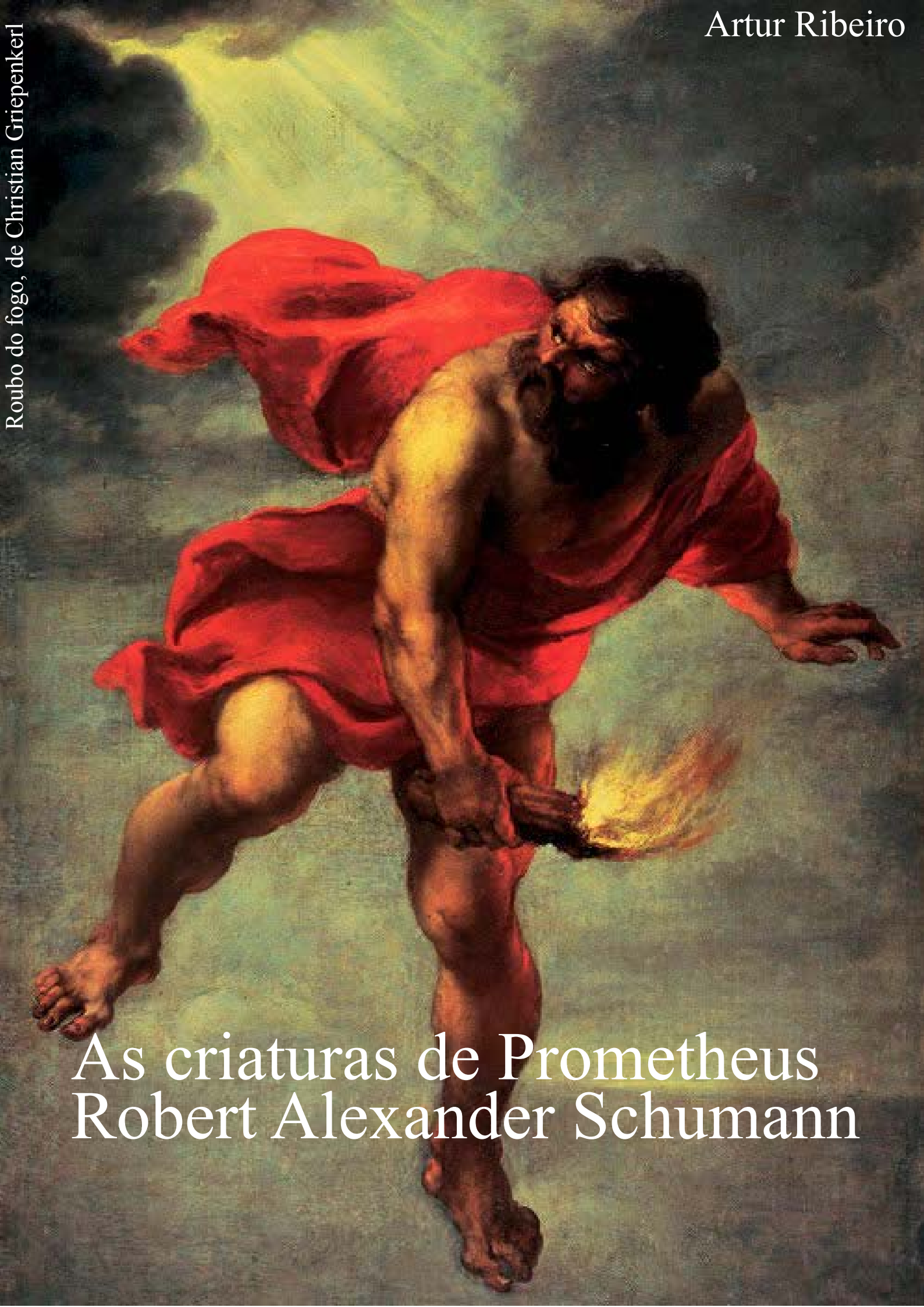
Sigridi Borges

Solitário, constrangido
a aguardar a leve brisa
busca um voo colorido
imagem que suaviza.

Ah! Se eu tivesse asas,
sem parar eu voaria,
subiria até os montes,
num banzeiro plainaria.

Voa, voa, passarinho
num momento inaudito
a encontrar um leve ninho
num rasante e infinito.

Artur Ribeiro



Roubo do fogo, de Christian Griepenkerl

As criaturas de Prometheus
Robert Alexander Schumann

Já realizaram a autópsia desse estranho instinto
Que, de tantos e tantos remorsos, chamamos de amor.
A história – a senhora de cabelos argênteos cujo tempo, seu irmão mais velho, devora os seus pupilos –
Já narrou em seus livros e nos rostos de tantos doidos malucos
A quantidade de suicídios que se sucederam graças a esse remorso da vida.

Já está provado que toda história de amor é uma história que, quando não digna de uma melancolia cristã ou uma diligente legião romantizada de copistas de um fim-de-linha chamado Bukowski,
Apenas termina em coisas Patéticas (como todo amor o faz ser assim).
Ridículas, como os beijos febris que correm da solidão nas madrugadas.
Inúteis, como as finezas da juventude.
Esdrúxulas, como eu mesmo não me permiti ser ridículo, inútil e esdrúxulo em minha juventude.
(Quem me dera voltar ao tempo de ter a liberdade de ser patético, ridículo e esdrúxulo; quanto ao outro, já o sou naturalmente.)

Já está provado que toda história de amor, é uma ótima história para quem gosta de ler sobre o sofrimento alheio que tanto lhe machuca – posto que finge sentir que não sente.

As fiandeiras de ouro deixaram de lado seus teares...
Partiram para as fabricas,
Conscientes da consciência do hoje a que nada parece senão a certeza de que é melhor a tristeza com fundos nos bolsos
Do que a mesma inevitável tristeza caminhando de bolsos vazios.

Já está provado que o amor passou,
Que a vida se compreende entre aquilo que é e aquilo que foi,
Que nossa romantização não passará de uma reles lenda:
A lenda de uma de uma reles sobra chamada de homem;
Que todos os pobres diabos mentem para si, e nisso adoecem mais ainda
O hospício de partas fechadas que chamamos de mundo,
Que os fracassados são apenas o desconforto da metafísica,
E que todos os nobres nada serão senão matéria da qual um grande verme
Separará o melhor pedaço para seus filhos.
Quando o amor tomou o remédio errado e foi parar em uma mesa de autópsia
No primeiro encontro da junta de médicos já se sabia o que viria a seguir.
E assim foi visto que esses tantos doidos malucos que se suicidaram pelas graças
Desse remorso da vida, eram homens com paixões em suas vísceras.
Mas o tempo passou. Muitas deles morreram. Os que eram para existir
Sequer chegaram a firmar os pés na terra ou sequer chegaram a ver a luz
Para além da necessidade da fome.
E hoje, hoje não há um momento em que não invejo secretamente que não está em mim...
E hoje, não há um momento em que as sobras de todos nossos frágeis desejos não nos adoeça e um Goya moderno não nos mostre quão deterioradas estão as nossas cabeças,
E o que sobrou daqueles doidos malucos cheios de paixão em suas vísceras.

O mundo já não pertence a mais nada – não que naquele tempo de doidos malucos

pertencesse.
Hoje estamos secos pelas graças de nossa depressão coletiva
Que nos bombardeia diariamente através de telas brilhante
Que nos mostra o imenso leque de ditaduras para todos os gostos.
Hoje já vendemos livros para telas pouco imaginativas e cheias de falsos doidos malucos

E de gente ávida por alguma salvação.
Caminhando para a versão da vida cômoda ou a garantia de que não vejam os muros

A verdade, parece-me, é uma coisa muito simples que se esconde
Por detrás de palavras muito difíceis de pronunciar.
Conseguimos ser menores do que a verdade em mentirosos
E os maiores do que qualquer romancista pôde ter sido (até nos delírios).
Já está provado que tudo isso é um grande abismo do qual caímos
E não podemos fazer muito além de reclamar para consigo mesmo
Ou martelar versos que no fundo já não podem nos salvar
Da dor que fingimos ter – e que na verdade muito já sentimos.

Tudo convergiu para pensar na própria dor e no cansaço do final do mês.
Mas a única coisa estranha de tudo isso é que já deveríamos ter entendido
É que, apesar de todas as coisas que nos acostumamos
E passamos dentro da poesia de tudo o que é morto,
Já deveríamos saber que entre existir e morrer de fato
Existe uma infinidade de mortes até lá.
O viver até morrer de fato é muito mais difícil do que podemos imaginar.

E não, não vamos rogar para estranhos deuses em suas igrejas
Ou para ditaduras de telas brilhantes que nos apresenta uma série
De monges copistas do decadentismo ou da mentira por trás da dita superioridade.

Não vamos pedir piedade ao destino que aqui nos colocou sem nem termos pedido.
Não vamos nos lamentar mais. A máquina do mundo foi ligada
E apenas parará com o sol e a sua glutonaria.
O destino é como um homem elegante que nos seduz e foge antes do segundo ato.

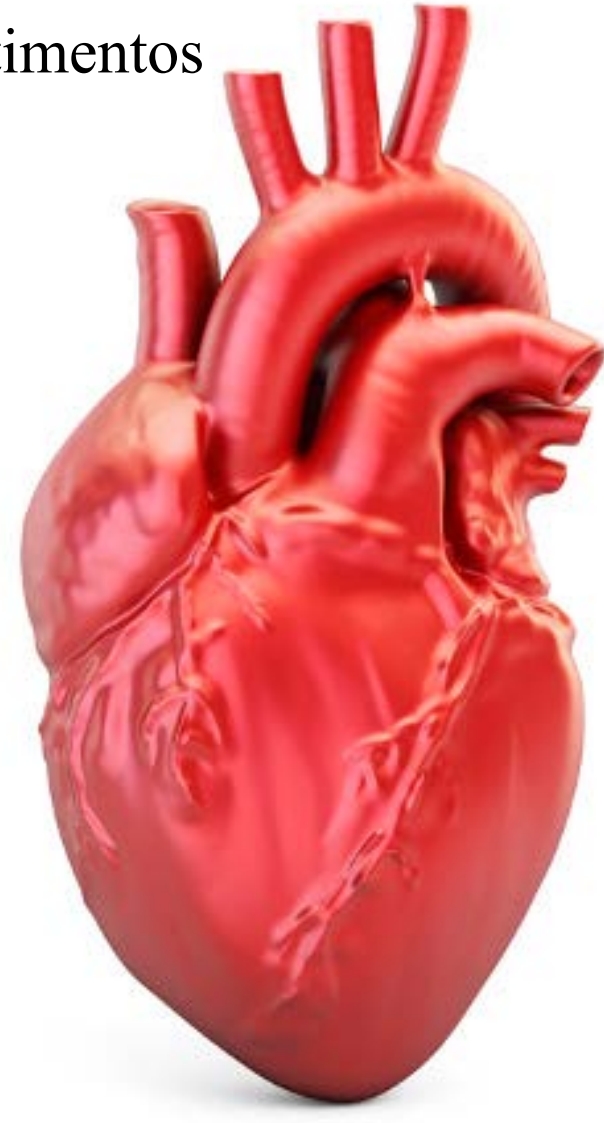
O que estamos fazendo da vida é que é a questão.
Mas para que fazer alguma coisa sendo que tudo acabará no final?
Pois eis que a resposta pula, e, atravessando as cortinas do teatro,
Nos faz lembrar das várias mortes até a morte de fato.

Mas por hora estamos aqui. Presos nos vagos monossílabos amargurados.
Rasgando novamente as vestes que imaginamos para as estranhas telas.
Mudando (tal qual a independência dos trópicos) para continuarmos os mesmos.
Brincando de gato e rato na prontidão dos fantasmas de nosso desespero.
Pedindo secretamente um sentido para tudo.
Encontrando o degrau falho nas escadarias.
Rolando como um pacote esdrúxulo.
Beijando os pés dos sapatos alheios.
E chamando de Cristo o algoz que sujou teus lençóis com sangue.



PROSAS

Seja bem-vindo ao meu coração
Quero prosear contigo na verdade das palavras
Sentindo a sua presença
Ao tomar-me
Ao tocar-me
Nesse encontro comigo...
Serei flor ao receber carícias
Pelos panapanás em festa
Serei luz ao vibrar energia
Conduzindo saudades ao enveredar
Por expedições primaveris
Onde as explosões de cores
Farão os meus olhos marejarem felicidade
Enquanto o coração transitar por sentimentos
Inversos
Adversos
Avessos
Contagiantes na antecipação do estar
Não hesitar
Crer
Viajar...
Bem-vindo
A alma é sua
Já sinto a sua chegada
Eis aqui, o meu bem-querer!



Karine Dias Oliveira
Nova Friburgo/ Rio de Janeiro



Sem frescura
Finjo que te conto mais tarde,
Mais tarde,
Durmo.

Sem frescura nenhuma
Faço de conta que te desejo e que, te quero bem!
Que te contarei mais uma linda história
Mas, não conto
E continuo a fingir

Afinal sou assim

Finjo que sou
Mas, não sou
Que estou mas, não!
Nunca estive.

Faço com que acredites em mim
Mas,
sinto que já se cansaste de tudo
Mas...
Sou assim

A final sou sempre assim

Observo que, lá longe,
Na rua de baixo
A velha senhora com sorriso matuto
Anda de vagar com a velha cesta

Corro ao encontro da velha e compro uma maçã do amor
Finjo que não mas, te entrego a saborosa maçã

Vejo agora o sorriso em seu rosto
Finjo que vou mas...

Afinal de contas, sem frescura alguma,
Sou assim.

Poesias wilson lirio
Nome: simples veneno
19-07-2021
17:34

O nu
O que tem o nu?
O que é que tem a sua nudez de vergonha?
Mãos, pés nus
Me mostre o nu



Lá vem o homem morto nu
Lavem o corpo nu
Com sabão e depois, joguem perfumes caros.

Levem a mulher morta nua
Como a lua
Que se mostra as vezes pela metade
As vezes nem a nua nem a lua
Já está morta e daí?

Me tragam os mortos do Ganges
Dizem que boiam
São mortos
São ossos
As vezes, nem ossos
Só são mortos
Só boiam

Me ensinem a viver com roupas
Deixe eu te falar um segredo:
Em baixo dessas roupas há um corpo, corpo nu
E, atrás dessa máscara há uma boca que, de longe não conseguem ler meus lábios

Mas vamos lá!
Tragam os nus!
Quero ver as almas nuas
O rostos nus
Quero ver as mãos, pés,barrigas, pensamentos, excrementos, sofrimentos das almas nuas!

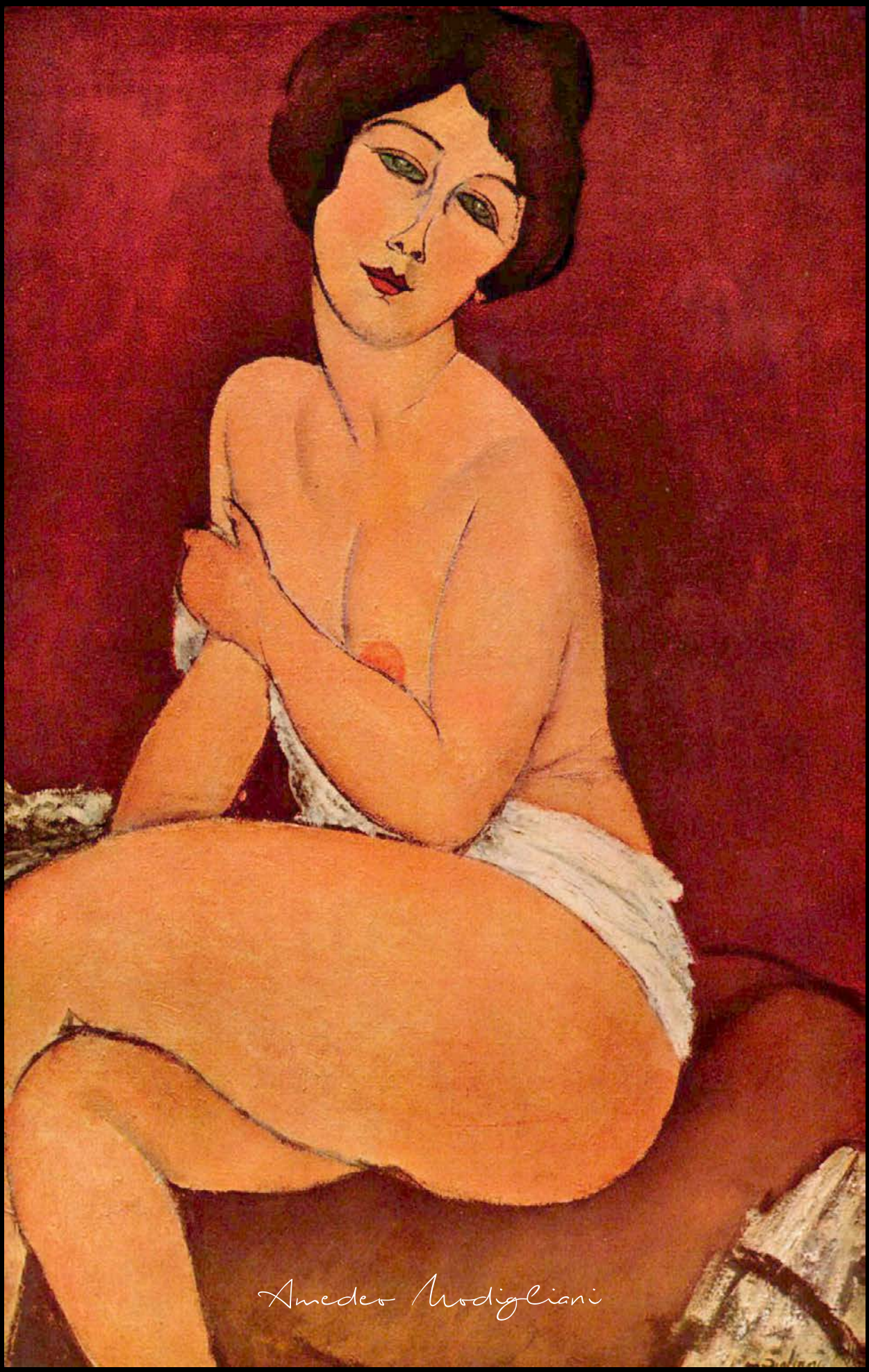
A verdade sem roupa alguma, mentiras desmascaradas e aí,
Darei gargalhadas
Darei gargalhadas
Darei...!

Tenho certeza que, com certeza com a nudez, sem vergonha alí nua, e como dizem...
Nua e crua, daria gargalhadas saltitantes, delirantes porque aí...
Quem estaria vestido?
Só eu!

Nos rios se banham os filhos, os filhos de teus filhos brincam nos rios
Se lavam na mais pura inocência
E as lavadeiras lavam
E no final todos nus,
Se lavam nos rios

Só são nus e águas
Águas correntes
Dos rios que nunca morrem
E nunca estão, nus.

Poesias Wilson lirio
Nome: Renascimento
08-06-2021
19:54


Amedeo Modigliani



Amedeo Modigliani



Novo Normal

Agora que chegamos nas (possíveis) retas finais dessa situação toda, estamos quase totalmente adaptados nisso que insistem em chamar de “novo normal”.

Normal por que a vida, de certa forma, continua a mesma – Nos terminais e estações de metrô por aí as formigas continuam caminhando aos montes. Cegas e esbarrando umas nas outras como sempre. Se deslocando quilômetros e desviando de coturnos e mocassins, tentando chegar em suas casas ainda com vida, e com uma ou outra folhinha deixada de migalha por alguém.

A grande novidade porem é que, além das formigas agora usarem mascaras, elas também precisam se preocupar não só com coturnos e mocassins, mas também com esse vírus menor do que elas próprias, se deitando confortavelmente por cima dos formigueiros, com o aval dos dedetizadores que compreenderam que o extermínio é muito mais fácil quando o veneno é concentrado em algum lugar com muitos pulmões pra pouco ar.

Mas seria ingratidão não reconhecer aqueles que tentaram nos ajudar.

Aqui em São Paulo por exemplo, diversas medidas foram tomadas. Por exemplo manter apenas estabelecimentos de extrema importância abertos. Sendo assim fecharam entre outras coisas restaurantes, cinemas e teatros. É claro que nós, plebeus, nunca tínhamos tempo nem dinheiro pra ir nesses locais, ao menos com frequência, mas sempre é bom garantir.

Já esses tais que ficam cuidando dos estabelecimentos essenciais também foram abençoados com a benevolência lá de cima. Alem dos auxílios, vieram também algumas medidas,



como a mudança no rodizio de carros, o que transformou diversos motoristas em passageiros, que para não recorrerem ao desemprego tiveram que mergulhar debaixo dos mares de axilas e contaminação partilhada – sem direito a janelas.

E é nesse rodizio de ar do transporte “público”, no trajeto entre periferia e centro que muitos precisaram dar o sinal e descer. Nesse momento exato, pouco mais de 516 mil. Mas ainda não estou certo se isso é novidade ou apenas uma remodelação.

Como eu já disse, muito mais fácil matar as formigas de uma vez, do que lhes tirar o alimento, a moradia, a aposentadoria, a educação e deixar que elas se matem entre elas. Afinal, estamos todos no mesmo trem, mas uns com distanciamento na primeira classe, uns pendurados no teto, e outros amarrados nos trilhos.

No fim, desejo que aqueles que se foram possam desfrutar de uma enorme paz. Já aos que ficam, preparem-se. Agora vamos encarar o novo normal, mesmo que por aqui ninguém nem tenha chegado a conhecer o velho.

Davi Lírio

Olá pessoal da D-Arte

Me chamo Antonio, e, ao final do ano passado lancei um livro em trabalho autônomo.
Divulguei sobre em meu blog pessoal, conforme o link:
https://amartb.blogspot.com/2020/12/zumbi-l-lancamento.html
Dentro desse link, têm outros três explicando um pouquinho sobre o projeto.

O mesmo também está disponível para venda no portal de autopublicação "Clube de Autores", segue o link:
https://clubedeautores.com.br/livro/zumbi-i

At.te
Antonio Marques.



São Camilo das frieiras

André Nóbrega

Abominável a forma
como sempre a mesma
voz obscurece.

Dentre sobressaltos,
avanços, somos seres
um pouco mal vistos.

Toalha felpuda de pano,
chuveirada rápida, o olhar
fletido, pros lados,

seria bastante revelador,
se eu não consumisse a noite
com a marca deste espumante,

a cicatriz de outras faíscas.
Manobras fáceis para
dias impossíveis.

Pelas vias mais desesperadas.
Vocação insólita de florista.
Derramar óleo nos gestos

simples . Uma ânsia
bem modernista,
ao calibrar o novo.

Tarsila do Amaral
queria é botar um galho,
na cabeça autoritária

do Oswald.
E com ninguém
menos, ninguém mais do que

o Mario, lembra dele??
Aquele que...
Muito me estima esta

lamúria nova, de você
sacanear as minhas roupas,
botar defeito nas minhas

amizades.
Nem o Papa pode, contra
o clube dos cafajestes.

Macunaíma, São Camilo
das frieiras, nos ensinam
a persistir, embaixo dos

edredons, junto a música
do seu filme predileto.
Sem perceber, acordamos,

tão inquietos. Bom estender
ao silêncio a função cúmplice,
de um manifesto artístico.

Hábeis motoristas, mesmo
diante da reconhecida
injustiça, presente no mundo.

Frio absurdo no Rio. Corpos
nus, nós agudos, goela
espremida entre

sustenidos, golfadas,
gemidos. Pagodes evocados,
sonatas, púbis depilado.

O ponto zero, incendiário,
ponto para ficarmos,
de tão teimosos,

um pouco mais presos,
na imensidão rasteira dos mesmos
universos.

Meses, a sutileza dócil,
inverossímil dos nossos brejos.
Cataventos.

Trem expresso,
contra as virtudes.
O verbo pretérito,

grelo gélido, a aspereza
dos inquéritos.
Por atuar como presa e

caça, acima da mesa,
na placidez dos dias.
Houve alguma vez

onde pessoas muito
diferentes, como nós,
caminhassem por tantos

tempo juntas?

Mitologia carioca

Reengenharia pouco sutil,
para um homem ateu,
engajado e

carioca. Você me convoca
para discutir sobre feminismo,
guerra civil, Mercedes Sosa,

no impingir do roça roça.
Racionamento de energia,
picolés de paçoca,

técnicas disfarçadas de
sadomasoquismo, desajustadas
desde a época

da perestroika. Vossa
Majestade ascendeu perto
demais, dentro

dos apelos mais baixos
da corte. No mesmo
estoque indesejado

da noite, a pilhéria juvenil,
os beijos esforçados, contra
a subida,

em todo o suor das intempéries,
numa súbita vertigem, nas
mesmas planícies.

Gardel não consentiu
com tamanho desperdício.
Napoleão, Sun Tzu,

Ataulfo Alves, todos os czares
mancos, corroídos pela memória,
junto às últimas fagulhas

do monte Vesúvio. Nas
agulhadas obrigatórias,
por excesso de bagagem,

ou fogo amigo. Verdade
consentida primeiro aos

chuviscos mais secos

da pele. Natureza impoluta,
espaços, jazigos, adjetivos mal
calibrados, tapa na virilha,

pé na estrada. Vontade de pisar
na sua calcinha como tapete.
E pelo bem da carne,

separar toda a possibilidade
de sentimento do açoite.
Malditas fontes turvas

da cidade.
Sísifos punheteiros,
medusas com balaiagem,

afrodites sem velcro,
divergem todos os dias,
em resposta a nossa

imprecisa liberdade.

RIO,28 DE MAIO DE 2021

André Nóbrega

Acúmulo de milhas

Notícias de hecatombes,
na costa do Suriname.
Hipérboles cafonas,

smirnoff ice, isca de peixes
pútridos, fétidos. Terremotos,
frango assado, postes sem

fio, apagão, missa solene.
E um respeito indomesticável,
pelas palavras ditas por Francisco.

Jantares com marisco, fogos.
Assunto papal, nobreza falida.
Costa inebriante das ilhas Fiji.

Você tinge o cabelo num
tom castanho, roça meu pau,
por debaixo da mesa, no domingo

de ngelis, mas isso não me
constrange. Possibilidade
iminente de acumular milhas.

Julian Assange foi meio cabaço,
amore mio, me desculpe. A felicidade
perdura, por seguidas semanas.

E eu já nem desconfio

RIO, 16 DE JULHO DE 2021

André Nóbrega

Quebras de decoro, de conchavo

Rascunhos de origamis,
presságios anexados
aos exames

tardios , da nossa
própria complacência.
Largamos muito cedo

a função das óperas.
Desapego, almondegas,
emojis, traduções óbvias,

com algum arrego seu,
um pagode silabado,
pelas costas.

Porque faltou ao Romeu,
uma leitura óbvia, no
beabá da libertinagem.

Crendices de alto valor
kármico. Clarice, Drummund,
nunca nos omitem.

Da perspectiva de esfinge
à brusca poesia, nas indubitáveis
correntes, das escrituras celtas.

Tua saia um pouco grunge.
O céu confunde fácil
o ócio com desmontes

exigidos, em causas
antigas, cafonas,
pretensiosamente obscenas.

Bombril na minha antena,
um pouco de manteiga,
caladril,

contra as mesmas
coleiras, membranas
do passado.

Chama-me, por muito
menos, no escuro.
Escudos postos.

Caldo de cana, pastel
de feira. Concatenações
pueris,

jeito um pouco cansativo,
de eu imitar Charles Chaplin,
somente para animar

nosso sábado. Quebras de
decoro, de conchavo.
Novos estados, segredos

avulsos. Muito antes, fui
um poeta indeciso,
num corpo avaro.

Reflexos desconexos,
índice um tanto quanto
sugestivo.

Um passeio
por Porto Seguro,
Santo Amaro.

Quando foi
que perdemos a noção
do orgulho?

Estava já assim, firme,
forte? Doido para ficar
ao seu lado??

RIO, 26 DE JUNHO DE 2021

André Nóbrega

O IMINENTE BUM

Quando todas as vozes se calarem
e o silêncio perpetuar o vazio,
espectros incandescentes do que fomos rondarão a Terra
à procura da flor,
da poesia...
Da musicalidade das fontes...
Do sorriso.
Debalde recorreremos às palavras
para descrever a bestialidade do homem.

Autora: Selma Reis
Do livro Poesia no Entardecer
Editora Drago

A AUTORA

Selma Reis Souza (Selma Reis) nasceu em Belford Roxo (RJ), em 1952. Hoje, reside em São Gonçalo (RJ). É Professora concursada do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental nas Redes Municipais de Ensino de São Gonçalo (de que é aposentada) e de Niterói (em que ainda atua).

Estreia em livro com a obra em versos Poesia no Entardecer (Rio de Janeiro, Drago, 2020). Teve os seguintes textos premiados no Concurso de Redação para Professores, promovido pela Folha Dirigida, em parceria com a Academia Brasileira de Letras: Meu Mestre Inesquecível (prosa), 2000; Devemos ver com os olhos livres (prosa), 2001; Por que a poesia em tempos de indigência (poesia), 2004; A importância do livro no Brasil do século XXI (prosa), 2006; A importância de Machado de Assis um século depois da sua morte (prosa), 2008 —— texto que obteve o Primeiro Lugar em âmbito nacional.

Dois poemas de sua autoria foram também premiados em concurso promovido pela Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia, em parceria com a Fundação Municipal de Educação de Niterói. Ambos obtiveram Primeiro Lugar: Cecília Meireles: A voz feminina da poesia (2017) e Mário Quintana: nas asas de um passarinho (2019).

Atualmente, a autora se tem dedicado a escrever contos.

Visão Embaçada

As lágrimas que doem
De perto tão quentes
Cristalinas e ansiosas
Não abraçam quem as sentem

O rio que hoje viceja
Me pega pelo peito
Abatendo a ternura da vida
Devagar adoeço

O coração que de fora descarrega
Usa a pele como cama
Os olhos como janela de partida
E no corpo os líquidos flamam

Anos atrás a vida era doce
Os pássaros ainda cantavam
As nuvens eram azuis
E as árvores leves balançavam

Hoje me cega a miopia
E o medo de sentir a vida
Que tanto almejei
E por vezes desencontrei

As paisagens são outras
Tão ocres e duplicadas
Carentes de serem vistas
Apenas servem como cenário de uma obra já finda.
(Lua Pinkhasovna)

Fim dos Dígrafos

O meu som não é lembrado
Os meus fonemas
Lado a lado
Foram separados

Fiquei sem as estrofes
Mas que linhas!
Só queria eu
Te ter como na poesia

Me vejo solitária em prosa
E o tempo que nessas palavras transcorre
Não fala ao silêncio
Fala aos corações partidos
Transbordando em solilóquios

Restam os verbos perdidos
Aqueles versos brancos
De sentidos impositivos

Mas o meu peito ainda exclama
Acredita naquelas últimas reticências da chama
Que aqui dentro ainda vive em hiatos de sentimentos insignes

O fim dos dígrafos nasce com as estrelas
Não somos mais um fonema
E mesmo com sons retumbantes
Na minha mente ainda guarda a solidão de ser o sentido de uma só consoante.

(Lua Pinkhasovna)

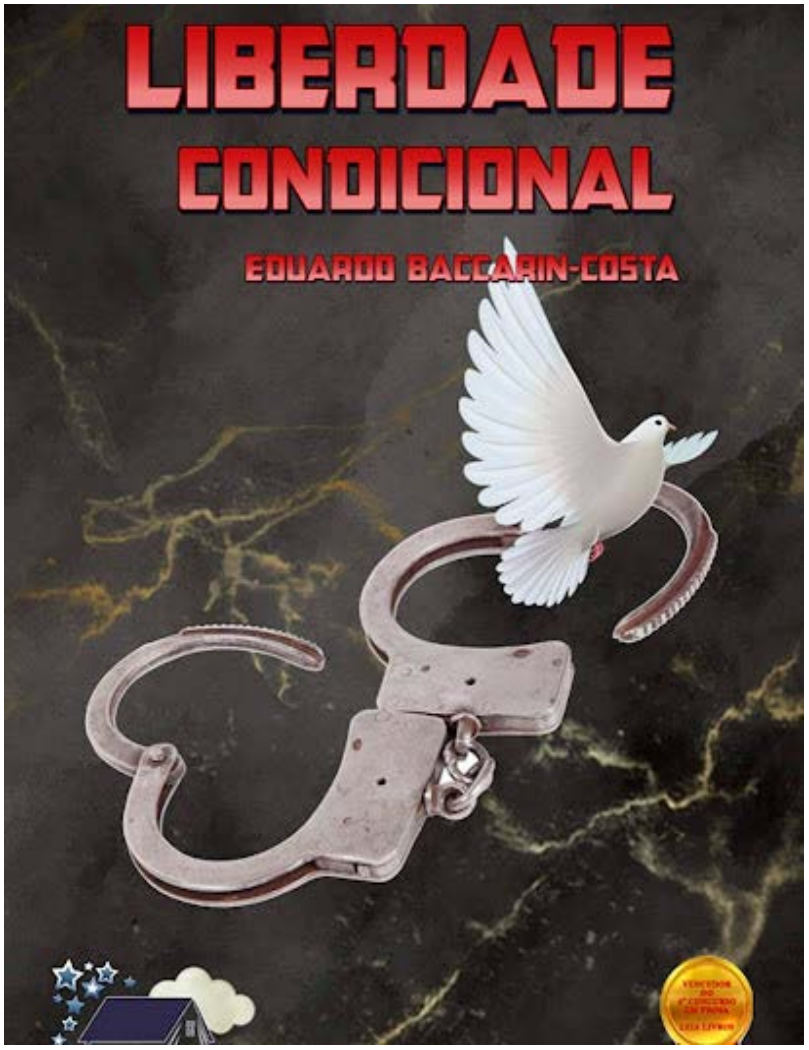
Sobre o romance Liberdade Condicional

A história conta a vida de cinco pessoas (os poetas Neri Reis e Mario Paulo, os hippies Marien e Fabinho e a feminista Débora) que, numa fuga alucinada da repressão vão parar numa rinha abandonada. Lá, travam uma amizade e partilham de experiências que irão redimensionar suas vidas.

O romance acontece em 1972, no auge do AI-5 e da Ditadura Militar, e é mostrado como o governo encarava seus opositores e as vozes que teimavam em denunciar o regime opressor que estava instalado desde 1964. Também faz menção à chacina ocorrida em Berlim, durante os jogos Olímpicos, quando grupos neonazistas mataram onze atletas da delegação de Israel que partcipariam da Olímpiada.

Mesmo num ambiente politico tumultuado, Neri, Mario, Fabinho, Marien e Débora procuram não ficar presos a eles. Ao contrário, procuram se reinventar como pessoas, como artistas, como vozes de resistência, fazendo brotar uma amizade profunda e desprendida no sentido mais amplo do termo.

O personagem Mario Paulo é uma homenagem que Baccarin-Costa faz ao poeta londrinense Marinósio Filho. O personagem Neri Reis é uma homenagem ao jornalista londrinense Neri Floriano e ao poeta Pablo Neruda e foi vencedor do IV CONCURSO DA EDITORA LEIA LIVROS NA CATEGORIA PROSA.



LIBERDADE CONDICIONAL é o início da tetralogia que conta a história de Neri Reis e pode ser adquirido no site da editora (www.leia-livros.com) em versão digital ou impressa (R$ 21,00 e 35,00 + taxa correio, repectivamente) ou com o autor pelo email eduardobaccarin@gmail.com ou pelo whatsapp (43) 98417-7308

NÃO SÃO VERSOS, SÃO MANTRAS (PARTE 2)

Debaixo das minhas unhas
corre um verso, disperso
mas com necessidade de criar
uma linha que seja
parir poemas
para a vida começar
nos meus pelos
encontram-se odor de versos
além dos cheiros do amor
não consumado
na mão idealizado
Debaixo dos meus olhos
sei lá
talvez haja um horizonte
mas isso não seja importante
para poetar
Porque debaixo das minhas há desejo
de que pelo menos um dia
o mundo se converta em poesia

EDUARDO BACCARIN-COSTA

Fases da vida
Agnes Izumi Nagashima

“Tenho fases, como a lua.
Fases de andar escondida,
Fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
Tenho outras de ser sozinha.”
Cecília Meirelles

Aurora do dia. Cecília debruçou-se sobre o parapeito, as mãos entrelaçadas no queixo. Abriu a janela azul de madeira. Admirou a nuance de cores e a revoada de pássaros. Abaixo da janela, uma floreira com gerânios de pétalas brancas, rosas e vermelhas.
Estava em uma fase solitária. Momentos de reflexões no presente, de sonhar com o futuro e recordar-se do passado. De permanecer escondida. Observar o mundo pela sua janela. O movimento acelerado dos pedestres e das bicicletas pelo calçamento em pedra capistrana. Crianças em ciranda, cantando cantigas de roda.
Olhou para o espelho. Os cabelos soltos e caídos sobre a face. Um início de ruga perto de seus olhos. Sorriu. O sorriso e as pequenas rugas ainda não se encontravam.
Na estante, pegou seu livro preferido para reler pela quinta vez. Cada leitura era um detalhe e um encanto diferente. Mergulhar em um mundo distinto do seu.
Ao anoitecer, foi para o peitoril de sua janela. Contemplou a majestosa lua na escuridão da noite estrelada. Observou cada traço desenhado e as crateras. Refletiu sobre sua vida. Sentou-se para escrever uma poesia. Gostava de escrever versos rimados de amor ou sem métrica e desiludidas de saudade. Em seu caderno escreveu:

“Lua dos meus dias,
das noites de solidão.
Com suas fases
refletem nossa vida
e nossas faces
ocultas no coração.
De tantos sonhos somos
poeira estelar.
Distantes na constelação
cada um vive a sonhar.”



Preparou uma infusão floral de rosa, jasmim e camomila antes de adormecer.
Acordou, abriu a janela azul. Observou os formatos das nuvens no céu. Lembrou-se de sua infância. Deitavam no gramado e brincavam de adivinhar com o que cada aglomerado de nuvens se assemelhava. Cada uma era uma névoa que se desfazia em pequenos sonhos e encantos. Deu um suspiro. Um desejo de caminhar por veredas desconhecidas. De ir para a rua. Conhecer uma pessoa que a completasse.
Escolheu um vestido rosa. Prendeu o cabelo em um coque e um laço cor-de-rosa. Fechou a janela azul, abriu a porta e saiu.
Caminhou até à igreja matriz com arquitetura barroca, olhou para o relógio e o sino na entrada e entrou. Rezou para Santo Antônio. Com um sorriso cumprimentou as pessoas ao seu redor. Saiu mais animada e inspirada. Foi até a estação de trem e sentou-se no banco para aguardar a Maria Fumaça.
Do seu lado sentou-se um homem com idade aproximada da sua. Começaram a conversar sobre o itinerário. Seu sorriso inebriante e o olhar mais envolvente que já havia visto encantaram seu coração.
Juntos de mãos dadas, observaram o rio e a bela paisagem da serra. Espantou-se com esse sentimento avassalador que se despertou. Ela era intensa em tudo. Ele, a perdição da sua vida.
Quando se despediram ele entregou um envelope em suas mãos e disse:

— Sempre guardei essa semente para caso um dia eu encontrasse alguém que despertasse algo em mim. Hoje entrego esse envelope a você com a semente. Quando possível, plante e regue com muita paciência e amor, que eu saberei onde encontrá-la.
Assim ela fez. Abriu o envelope, a semente era pequena, delicada e alada. Adornada com as asas, parecia querer voar pelo vento. Em frente à sua casa, semeou com muito amor. Regou todos os dias, com água e lágrimas. Perdição da vida sua. Nunca mais ela soube dele. Aceitou seu destino de ficar sozinha.
Da semente germinou um lindo e florido ipê amarelo.
Quando as rugas dos olhos enfim se uniram ao seu sorriso, ela abraçou a árvore, e ao seu redor um tapete amarelo de flores, a janela azul e a lua nova. Uma nova estrela brilhou na escuridão do abismo. Dizem que depois disso, toda vez que o ipê amarelo fica florido, a lua nova abre um sorriso com um brilho ainda maior.

Agnes Izumi Nagashima,
paranaense e biotecnóloga.
Escreve contos, crônicas e poemas e já publicou em diversas revistas literárias e coletâneas, com algumas premiações. Faz parte da UBT Londrina, do grupo de escrita Contopeia, da Comissão de Autores Literários da WebTV e é acadêmica correspondente da Academia Internacional da União Cultural.



Dias Solenes
Rosangela Mariano

O sol impregnou
cada canto e recanto
da casa rosada,
arquétipo de outrora
naquela Avenida Sem Nome.

Os dias, céleres,
respingam tédio
e monotonia
nas paredes insípidas...
... e teias esvoaçantes
colorem escadas,
degraus,
e pinturas sonolentas.

Janelas crestadas
e tristes
há tempo fecham
sonhos e ternuras...

E as flores amareladas,
embaladas em brisas
suadas,
acenam adeuses
na tarde que morre.

Dados de Identificação

Nome completo do autor: Rosangela Mariano
Nome do poema: Dias Solenes
Cidade: São Leopoldo
Estado: Rio Grande do Sul, RS
E-mail: marihanaescritora@gmail.com

Biografia

Rosangela Mariano é formada em Letras (Português/Literaturas) pela Unisinos, RS. A poesia Madressilvas é premiada no Concurso Literário de Poemas Luciana de Abreu, em 13 de abril de 2021, pela Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS. Pela Revista Ecos da Palavra, o poema Órfãos é selecionado para fazer parte da Revista Literária do mês de maio 2021. Recebe Menção Honrosa com a poesia Janelas pela Academia de Responsabilidade Literária, Artística, Cultural e Social (ARLACS 2021), Taubaté, SP. Pela Revista Fluxos, a poesia Perene Paz é selecionada para a 4ª Edição da Revista, junho de 2021. Já o poema Serenatas Molhadas é classificado para a Revista Paranhana Literário, RS, do mês de julho de 2021.

O espelho

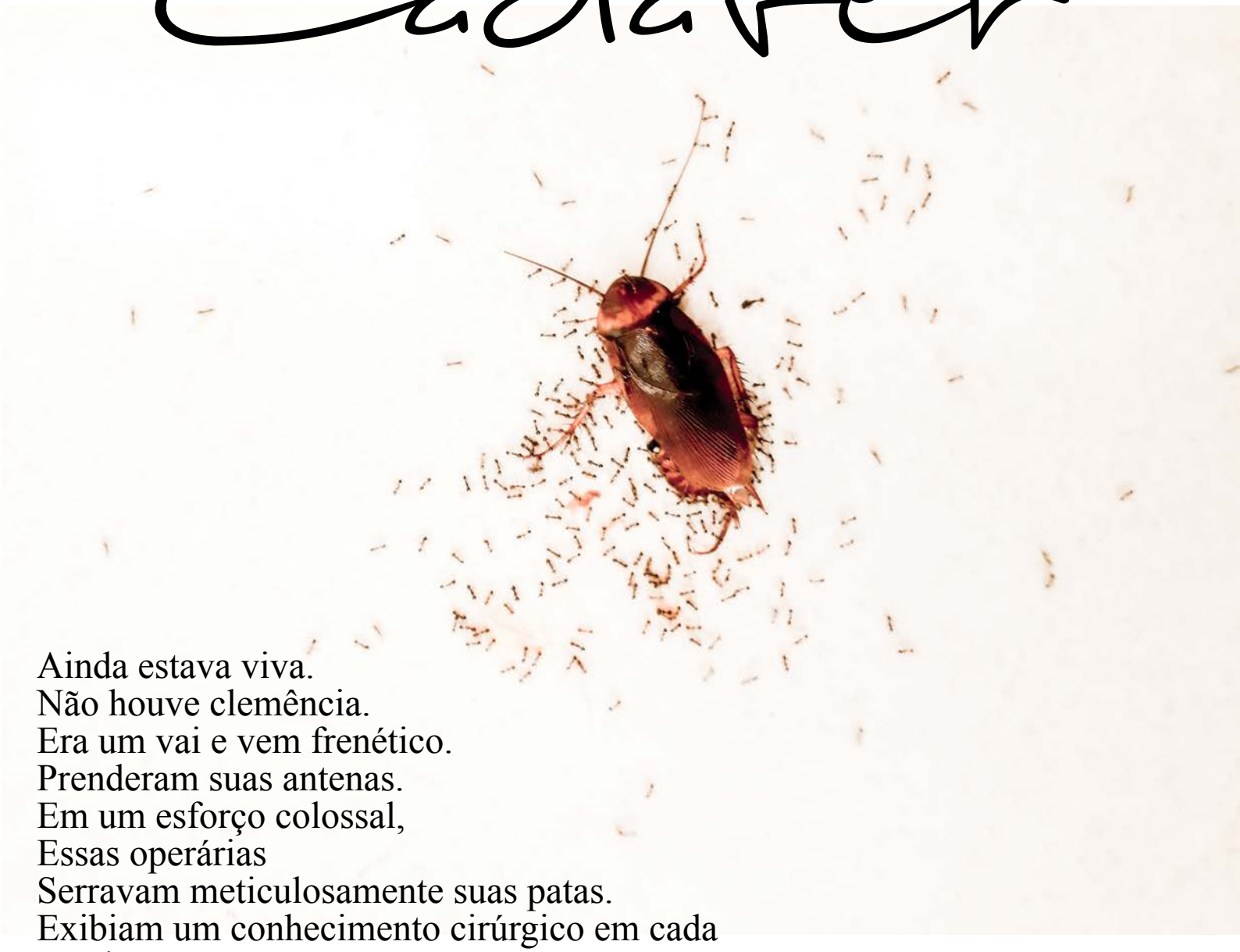


Odiamos o espelho.
Melhor, odiamos os reflexos luminosos que se materializam, se manifestam como consciência de algo próximo, muito próximo daquilo que consideramos ser.
Mas entendam, não gostar da imagem que se forma, é uma defesa.
Um distanciamento necessário.
Algo tão humano quanto envelhecer. E o espelho nos apresenta o tempo na carne, na alma. As descobertas indesejadas de ser. De estar no mundo.
Do não planejado.
Os medos, ou simplesmente o que somos.
O que é fato disso, que algo de horrível sempre nos espreita como imagem luminosa.
Não o encaro.
Aliás, como tantas outras coisas, evito.
Evito o quanto posso, as cores e as formas que se compõem em sua superfície polida.
Por opção, nos encontramos em uma névoa constante.
Sempre me vejo como algo, um vulto de uma forma embaçada.
Evito-me em sua crueldade.
Evito sua nudez.
Acontece-me como uma grande ressaca.
A cada vulto ou luminosidade, uma ressaca moral.

Do que digo.
Do dia.
Do que sou.
Da vida.
Do que me tornei.
Do que não queria ser.
De tudo. Nada é mais cruel que a própria
imagem.
Tudo é desvelado pela luz.
Tudo.
Minha face refletida.
Minha condenável face.
O espelho é um Déjà vu.

André Lopes

Cadáver



Ainda estava viva.
Não houve clemência.
Era um vai e vem frenético.
Prenderam suas antenas.
Em um esforço colossal,
Essas operárias
Serravam meticulosamente suas patas.
Exibiam um conhecimento cirúrgico em cada movimento.
Era uma obra coletiva.
Uma verdadeira procissão laboral
Rumavam como fiéis obstinados
Em sua luta pela sobrevivência.
A infeliz pulsava.
Ou imaginava ainda pulsar.
Esboçava movimentos.
Em vão.
O destino estava selado.

André Lopes

“HOMENS CORDIAIS”

Cinco pedras lançadas na porta da casa azulada,
olhos apreensivos,
ninguém responde,
silêncio,
opressão.

Risos estridentes,
deboche,
piadas sarcásticas,
gritos ecoam em forma de xingamentos,
mentes perturbadas,
facínoras.

Turba intolerante,
ávida por sangue,
crenças falsas,
certezas frágeis,
construídas com mentiras.
Olhares fixos
no ódio ao suposto inimigo.

No espectro ameaçador que ronda a casa azulada,
as janelas fechadas,
as portas com trancas reforçadas,
paira uma atmosfera de medo,
angustiante,
o ar com cheiro de sangue.
O corpo trêmulo,
sentado no sofá,
apreensivo,
espera a multidão em fúria se dissipar.

Guerra ao diferente,
sufocamento a tudo que não é homogêneo,
padronizado em realidades inventadas,
crédulos em fantasias que retratam seres e mundos imaginários,
que condenam através do pecado,
aquilo que não pode ser julgado.

Julgamentos baseados em dogmas,
conduzidos pelos zeladores dos costumes,
que escondem as suas práticas espúrias,
apontando os seus dedos para outras faces.
Distorção de realidades,
condenação do que não é condenável,
elogios ao que seria inaceitável,
realidade invertida,
moral corrompida,
sangue nas mãos.

A turba espera,
impacientemente,
o momento da desforra do ressentimento,
guardado em vidas vazias,
cujos desejos reprimidos
se esforçam para subverter a ordem do comportamento imposto pela religiosidade.
Mentes desvairadas
tornam assassinos àqueles que se autodeclaram abençoados,
em estado de graça,
desgraçados pela própria dádiva.

Fim do dia,
os cães raivosos se dispersam,
a vida respira aliviada,
o corpo exausto com a situação angustiante,
pega a estrada que vem adiante,
sem rumo,
fugindo da abominação prevalecente
em uma sociedade doente,
cambaleante,
apegada às histórias inventadas,
à força bruta
e à trapaça.

Juliana Moroni
Cidade/Estado/País: Ibaté/São Paulo/Brasil
Minibiografia: Bacharela, mestra (UNESP) e doutora (UERJ) em filosofia. Interessada em filosofia e psicologia. Aprecia pintura abstrata e Folk art, fotografias em preto e branco, poesia intimista, livros, mar com golfinhos, nebulosas, som advindo de instrumentos de percussão, de harpas e da flauta nativa americana (NFA), ideias não dogmáticas e pizza.



Luta inglória.

Muitas foram as lendas que se formaram em torno da soberana Norma Culta. No tempo das monarquias absolutistas, por exemplo, corria à boca miúda que fora ela, e não o Rei Sol, quem primeiro proclamou a famosa frase L´état c'est moi; e isso quando o enxotava do seu quarto por não lhe agradar a noite de amor.

O fato, porém, é que seu poder e influência eram tão grandes que excederam os limites da Velha Terra, cruzaram o Atlântico, e desembarcaram em terras brasileiras.

E como encontrasse solo fértil, onde "em se plantando tudo dá", pôs-se a cultivá-lo com esmero, seduzindo os intelectuais, entusiasmando os literatos, e cativando um seletíssimo público. – e viva o Parnasianismo!

Ocorre que sua ambição não tinha limites.

Daí que sua vontade começou a chocar-se com a dos súditos que aqui viviam, chamados Regionalismos, posto que não aceitassem ver suas tradições profanadas.

Ora, como fosse uma déspota não esclarecida, pouco ou nenhuma importância dava às suas reivindicações. E tratou de ordenar o encarceramento dos insubmissos.

Não demorou muito, portanto, para que a insurreição eclodisse!

De primeiro, quatro foram os focos de resistência. No Sul, os orgulhosos Bah Tchê, cuja participação de sua cavalaria na quarta expedição a Canudos marcaria o início da queda do Conselheiro; no Sudeste, os insubmissos Orra Meu, que a história mostraria não ter sido vã a morte de quatro de seus estudantes (M.M.D.C.), e os come-quietos Uai, que um dia teriam o privilégio de ver no filho mais dileto de Diamantina a personificação do progresso; e no Nordeste, os sossegados Oxente, que se por um lado eram admirados pela elaboração da iguaria acarajé, por outro, seriam temidos, pois saberiam usar da peixeira quando o sangue lhes subisse à cabeça.

E se é verdade que as investidas da realeza produziam muitas vítimas, não menos exata é a afirmação de que as incursões dos insurretos acarretavam perdas consideráveis.

Só que à medida que a opressão recrudescia, e alastrava-se, outros Regionalismos começaram a interessar-se pela revolta. E ao cabo de alguns meses, todo o Brasil uniu-se em torno de uma mesma bandeira – era preciso derrubar o reinado de Norma Culta.

Depois de perder praças cruciais, e temendo por sua vida, a monarca achou prudente recuar; pelo menos até que conseguisse reagrupar suas tropas.

Em um esforço desesperado, dois de seus ministros, o barão Gongorismo e o conde Quevedismo, mandaram publicar, nos principais jornais do país, manchetes conclamando os eruditos a que defendessem Norma Culta.

Apenas Olavo Bilac respondeu ao chamado. E ofereceu às partes em contenda a Última flor do Lácio, inculta e bela, com que homenageou a língua portuguesa, considerando-a a última das filhas do latim.

Houve um verdadeiro alvoroço! menos pela sublimidade do soneto do que pela compreensão quanto aos adjetivos finais. – o que não deixava claro se o poeta tomara ou não algum partido.

Daí que Sua Majestade sentiu-se profundamente ultrajada, visto que se achava bela, sabia-se a culta.

Já os Regionalismos deliciaram-se, pois mesmo que a beleza da rainha tivesse sido enaltecida, o Príncipe dos Poetas Brasileiros atrevia-se a chamá-la de ignorante.

E como a celeuma permanecesse, alternativa não teve Olavo Bilac senão a de explicar o que pretendera.

Começou dizendo que a palavra "inculta" referia-se ao latim vulgar, ao falado pelos soldados, pelos camponeses, pelo povo em geral. Diferia, portanto, do latim clássico, o empregado pelas classes mais esclarecidas.

No entanto, fosse utilizada por estas, fosse dita por aqueles, o que importava, em verdade, era que a língua portuguesa continuava a ser bela!

E terminava perguntado quem aproveitaria uma guerra se a parte mais prejudicada seria sempre a Flor do Lácio?

Como caíssem em si, firmaram um armistício.

E desde aquela época, Regionalismos e Norma Culta convivem em harmonia, contribuindo, cada um à sua maneira, para que a nossa Flor torne-se cada dia mais viçosa.



Prisão domiciliar

No momento muitos estão com medo
de saírem e serem infectados,
alguns se aglomeram em segredo
sem serem impactados.

Não se aglomerar evita que o vírus se espalhe
até a todos vacinar,
enquanto isso, trabalhe.
Sem se aglomerar, vamos raciocinar.

Em passos de tartarugas
o governo vacina o povo
em meio a muitos intrigas
que dá enjoo.

Estamos em uma prisão domiciliar,
que não tem nada de legal,
um dia isso tudo vai acabar,
seja fraternal.

por Marcos Pontal

Microconto:
A dor de mais uma rosa

Apanho a rosa do capacho saudoso da entrada, que abriga agora um porque, ...que abrigou os pés de um amor sem porquês. Levo a flor aos lábios para sentir o olor doido. Tento abandona-lo; não consigo. Então miro: verte dos espinhos meu sangue, o qual se mistura às amanhecidas feridas e sua cor de azia.

- Julia de Campos Preto

Poesia:
Rio a-dentro

Corre numa alvura gélida, constrito,
O suor das belas águas do meu Tejo,
Sobre o qual sozinha eu arquejo
Para, contudo, não fazer o que foi proscrito.

Na margem terceira d'um rio audaz,
Cintila um plácido azul de estrelas cingido
A refletir um rosto por dunas cindido,
À deriva, que de temor então se perfaz.

Há aqueles que mergulham fundo
Até o inóspito assoalho marinho;
Os que seguem com água no colarinho;
Ou contra a correnteza do mundo.

Da canoa com olhar temeroso inquiro:
Basta-me vê-lo escorrer por dedos côncavos
Ou chorar mais um dos alvoreceres fulvos? (…)
Metade do corpo seco, pois, no rio insiro.

- Julia de Campos Preto

Biografia:

Estudante nascida na cidade de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, em 2003. Participou da antologia poética "Escrevivência: a negritude em evidência", em homenagem à escritora Conceição Evaristo,"Diário da Quarentena" com o conto "Uma rosa na neve…", a ser publicado pela editora Expressividade e Eclipse Vital (volume 2), pela Antologias Conectatum. Além disso, é uma das ganhadoras do prêmio Sou mulher poesia, concedido pela Academia Mulheres das Letras.

O tempo

Há cerca de 20.000 anos, os homens faziam a medição de tempo contando os dias entre as fases da lua. Contar o tempo era uma necessidade, uma vez que o homem precisava saber lidar com diversas situações em seu meio.
Ao longo dos anos, o homem utilizou vários instrumentos para contar o tempo: relógios de areia, de sol, de água, etc. E muito tempo e estudo foi preciso até chegar aos modernos relógios.
Há o tempo contado no relógio, o tempo de vida de um indivíduo na Terra e o tempo que a gente dedica às coisas que estão a nossa volta.
Mas será que o tempo está passando rápido demais? Muitos acreditam que sim.
A infância, por exemplo, é uma época em que o faz de conta e a brincadeira ocupa todo o nosso tempo.
Quando a gente dedica o nosso tempo para brincar com os filhos ou observa-os brincando no parque, parece passar um filme imaginário na memória.
Se o tempo parece passar tão rápido, por que então não tomamos sem pressa uma xícara de café?
Ou por que não conversamos mais com as pessoas que nos fazem bem?
Estamos sempre correndo. Não encontramos tempo para comermos adequadamente, dormimos um sono que não nos refaz, fazemos poucas coisas que nos alegra a alma.
Só pára para contemplar o belo quem administra bem o tempo. Será que estamos administrando bem o tempo?
Deus age no tempo dele. É ele quem está no controle de tudo.
O homem pode ter dinheiro, fama, poder, mas é Deus quem determina o momento certo das coisas acontecerem. É lógico que precisamos agir, mas Deus entra no momento em que menos imaginamos.
Quantas vezes nos perguntamos: ”Por que Deus deixou isso acontecer”? Porque o tempo de Deus não é igual ao nosso tempo.
Portanto, se pensarmos na velocidade do tempo, caberá a nós dedicarmos mais tempo às coisas que verdadeiramente importam: família, amigos, natureza, enfim, não desperdiçaremos o nosso tempo.



Cristiane Ventre Porcini / São Paulo - SP

A tia do amparo



Como tia na certeza ela não tinha defesa, pela conotação que a identificava à mesa, qual presa onde já não se levantava nem sequer escapava, mesmo estando sentada. Dizia ela, nomeada por amparo, muito bem o tinha e até conseguiria fazer prova esclarecedora dessa posse. Mas era só conversa, pois que à mesa quase ninguém fez trejeito de crer «Em tais dislates». Foi-lhe pedido que ela dilatasse a sua modéstia, mas ao invés e para surpresa de muitos, fez pedido de mais amparo, numa estratégia pensada à expressão «Dá-me o amparo que eu preciso para atingir os meus objectivos que em troca eu continuarei a dialogar contigo.» Pelos vistos, não havia quem tivesse a pomposa importância rumo à tal ajuda que ela, por interesse, pretendia. Apregoava que esperava respostas de importante gente e, não dito mas pensado então pelo colectivo sem excepções, não iria continuar a falar com quem nada tinha para lhe adicionar de positivo. No fundo, dava o corpo ela mais a mente e alma, talvez acrescento eventual à máxima de «Dou aproximação porque tenho interesse nas portas que me podes abrir, mas se perceber que isso não irá suceder por não teres isto ou aquilo, então vou procurar amparo que me empurre até ao infinito por outras paragens. Aqui não.» Ainda lhe pediram em uníssono que continuasse numa renovada para não dizer estreada humildade, mas não surtiu qualquer efeito. A tia do amparo levantou-se com o dito «De ora em diante só irei dar atenção a quem tenha mediatização superior à minha. Não irei perder tempo com quem nada tem para me amparar. Pode isto ter uma enorme aparência de interesse e uma similar apetência no aproveitamento das outras pessoas, mas certamente não haverá quem no seu perfeito juízo se aperceba desta tentativa de logro. Porque além de tia, eu já sou amparo!»

Autor: Luís Amorim

Ser Poeta

Vivamente, ser poeta
É ter a alma descoberta
Pela paz que a liberta.

É navegar em oceanos profundos,
Adentrar em adversos submundos,
Por um ou mil preciosos segundos.

É ter, contudo, mente aberta
A cada vez que lhe desperta,
A inspiração fugaz e incerta.

É lidar com a alegria e a tristeza,
Contemplando-as com singeleza,
Fazendo disso a sua maior proeza.

Se a arte de amar é a mesma de ser poeta1
E amar é ter o coração em riso e festa2,
Então esta será sempre a minha meta!

Aline Bischoff

O esforço de Miguel.



A expectativa pelo primeiro filho traz sempre muita alegria.
E quando o sexo do bebê era o desejado pelos cônjuges, então o júbilo de que são tomados aproxima-se do imensurável!
Dois casais de hábitos e culturas distintas experimentariam essa ventura.
Na madrugada, um menino cabeludo e chorão iria abençoar palestinos estabelecidos em Jerusalém Oriental, cujo arrimo dedicava-se ao comércio de tecidos.
Até o seu nascimento, porém, os constantes enjoos, a suscetibilidade exacerbada e os desejos estapafúrdios da jovem mãe deixariam o marido de cabelos em pé!
A par disso, como anelassem um futuro próspero e feliz para a criança, resolveram chamá-lo Omar, que significa o que tem vida longa.
Três anos depois, no badalado balneário de Eilat, à beira do Mar Vermelho, uma linda menina traria alegria ao seio de uma abastada família israelense dedicada ao ramo hoteleiro.
Mas como a gravidez tornou-se de alto risco, seus pais prometeram que se o feto vingasse, o nome que escolheriam seria uma homenagem àquilo que mais prezavam.
E depois de oito meses e meio de extremosos cuidados e de fervorosas orações, deram-lhe o nome de Chaya, cujo significado é vida.
Omar e Chaya cresceriam envolvidos em desvelos, bons costumes e muito estudo; tudo visando a que se tornassem cidadãos íntegros e úteis à sociedade.
É claro que, lá no fundo, assim como os pais de Chaya imaginavam-na assumindo a rede de hotéis, ampliando-a a cada ano, e tornando-se uma das mulheres mais ricas do país, assim os de Omar desejavam que o filho herdasse o lucrativo estabelecimento, administrasse-o com a habilidade dos que dominam essa arte, e merecesse respeito e admiração entre o seu povo.
No entanto, seja porque os esposos tivessem uma mente mais aberta, flexível, seja porque a independência e a determinação das crianças ficassem evidentes desde tenra idade, seja, enfim, porque as asas de Miguel guiassem os seus protegidos antes mesmo de nascerem, o fato é que tanto Omar quanto Chaya não quiseram seguir as profissões que lhes estavam asseguradas.
Sendo assim, depois de prestar o serviço militar, Chaya foi estudar medicina. A vida queria ajudar a salvar tantas vidas quanto pudesse.
Omar, por seu turno, preferiu a nutrição. Aquele que tem vida longa desejava prolongar a vida de quantos o procurassem.
Não obstante, os pais de Chaya tinham esperança de que ela clinicasse em Eilat. Até ofereceram-lhe um consultório deslumbrante, equipado, inclusive, com secretária!
Da mesma forma, os pais de Omar não queriam perder o convívio com o filho. Para isso, já tinham engatilhada a compra de um belo apartamento, em uma das

ruas mais movimentadas de Jerusalém Oriental.
Mas o destino é por vezes insopitável; quando não, desgostoso.
E Omar e Chaya mudaram-se para Holon, a sudeste da gigante Tel Aviv.
A cidade recebeu-os de braços abertos. E eles retribuíam dando o melhor de si.
Até que, certa tarde, o esplendor da auréola de Miguel "cegou-lhes" a visão, fazendo com que os desavisados trombassem na rua.
E tão logo Omar levantou Chaya, que caíra ao chão com o impacto, ouviu-se um magnético silêncio...
Nem se precisaria dizer que se os olhos do nutricionista brilharam ao fixarem aquela face angelical, os da médica rebrilharam ao se deterem naquele belo rosto trigueiro.
E depois dos recíprocos pedidos de desculpas, em que ela culpava-se por ser distraída, e ele, por ser desatento, Omar não se fez de rogado e pediu-lhe o número do celular.
Chaya não só o repassou como também deixou subentendido que gostaria muito que ligasse.
E porque ambos não mais tivessem compromissos, combinaram de se encontrar naquela mesma noite.
Chaya estava graciosa! Omar, contudo, vestira uma camisa berrante.
Fosse como fosse, tanto a israelense quanto o palestino nenhuma importância deram aos históricos entraves que se interpõem entre pessoas de diferentes nacionalidade e religião, uma vez que o sentimento que os atraía naquele momento era irresistível!
Os pontos mais animados da conversa foram as carreiras que abraçaram e os significados dos próprios nomes.
Mas o ápice do encontro aconteceu, mesmo, quando os olhos celestes testemunharam um delongado beijo...
Depois de alguns meses, Chaya e Omar decidiram comunicar o namoro aos pais.
E se é verdade que uns e outros exultaram com a possibilidade de se tornarem avós no futuro, também é exato afirmar que, no presente, encheram-se de orgulho ante a maturidade demonstrada por seus herdeiros, que puseram o amor muito acima de qualquer questão ou preconceito.
Passada uma semana, Chaya ligou para o namorado e perguntou se ele gostaria de comer pizzas e bater papo com um casal de amigos da obstetrícia.
Omar ficou surpreso, pois ainda era terça-feira!
Mas acabou sucumbindo àquela manha que tão bem o convencia.
Chegaram à noite ao prédio onde moravam os médicos.
E como a fome apertasse, as pizzas vieram em seguida.
Com efeito, a reunião caminhava para que o encontro fosse a primeira de muitas, tamanha a harmonia que ali reinava.
No entanto, nem a hierarquia de Miguel teria o condão de prever que a paz reinante sob o céu recamado fosse tão barbaramente aviltada...
De repente, uma chusma de mísseis, vindos da Faixa de Gaza, desabou sobre Holon!
E o prédio onde estavam Omar e Chaya desabou.
Algum tempo depois, estourou o revide dos atacados!...
E o bombardeio retaliativo impôs mais destruição, e muito mais vítimas.
Agora, quando as partes em conflito contam e enterram os seus mortos, ao arcanjo Miguel, que jamais desistirá da Humanidade, nada mais resta senão recolher os seus protegidos, consolar os que choram, e orar pelos que ainda se odeiam, na esperança de que algum dia venham a se amar.

Dias Campos

O Dasein clariciano

Martin Heidegger utiliza o termo Dasein para denominar o lugar habitado unicamente pelo Homem, o espaço em que a existência atinge seu ápice e transmuta-se na Verdade do Ser. O Dasein é, em suma, a essência humana.

Nesse espaço restritamente hominal, o ser-no-mundo se imbui do senso de engajamento – fundamental, na concepção heideggeriana, para o autoconhecimento humano – e adquire o caráter de ser-com-os-outros. Daí se depreende que, para o filósofo alemão, o "voltar-se para fora" é condição básica para que o Homem atinja sua essência, conforme se demonstra neste excerto: "[...] o 'fora' deve ser pensado como o espaço da abertura do próprio ser". Segundo Heidegger, o ser-no-mundo é o ser histórico, cuja vivência se fundamenta na con-vivência com os outros indivíduos. A partir desse con-viver, compõe-se o destino Histórico, movimento por meio do qual o Homem se inscreve no tempo e no espaço, consumando-se como Ser-no-mundo: "O pensamento constrói na casa do Ser. Nessa, e como tal, as junturas (die Fuge) do Ser dis-põem numa con-juntura, sempre de acordo com o destino Histórico, a Essência do homem a morar na Verdade do Ser".

O mundo, assinalado em seu aspecto exterior, ocupa o epicentro da Analítica heideggeriana e contribui essencialmente para que nela se manifeste a dimensão ôntica do Homem. Percebe-se tal fato ao se observar o trecho a seguir: "[...] o 'mundo' é, de certo modo, o além (das Jenseitige) dentro e para a ec-sistência. O homem nunca é homem, aquém do mundo, como um 'sujeito', quer se entenda sujeito como 'eu' ou como 'nós".

Assim, nota-se que a solidariedade humana é a essência do Dasein, estágio no qual o Homem dirige sua atenção para o "fora" e nele encontra o fundamento de ser. Desse ponto de vista, o ser assume aspecto de processo coletivo, de ato eminentemente social, cuja efetivação implica a consciência de que o Homem se realiza, como ser, somente no âmbito da coletividade.

Essa noção de coletividade, expressa ao se praticar o compromisso com o outro, faz-se presente na escritura clariciana. Nessa, metaforicamente, alguns personagens rompem seus laços com a sociedade, na tentativa de se alçar de um meio social corrompido por discrepâncias e mesquinharias. O personagem-símbolo desse rompimento é Martim, em seu percurso de fugitivo: "Ali ele se julgaria – e dessa vez com a linguagem dos outros. Agora teria de chamar de crime o que fizera. O homem estremeceu com medo de tocar errado em si, ele que ainda estava todo ferido".

O Dasein, materializado no romper-se o vínculo do indivíduo às mazelas sociais, sobreleva-se, também, na obra A via crucis do corpo, reunião de contos em que o corpo, metáfora do desejo carnal, converte-se no fator que determina a desvinculação entre as personas claricianas e os valores sociais, nos quais se configura a metonímia da sociedade. Inicie-se tal relação de personagens com Maria Angélica (protagonista do conto Mas vai chover), sexagenária que se envolve com Alexandre, um jovem de dezenove anos: "E tornaram-se amantes. Ele, por causa dos vizinhos, não morava com ela. Quis morar num hotel de luxo: tomava café na cama. E logo abandonou o emprego" (A via crucis do corpo, p. 77).

A Maria Angélica, juntam-se as seguintes personagens principais: Madre Clara, de Melhor do que arder ("Madre Clara era filha de portugueses e, secretamente, raspava as pernas cabeludas. Se soubessem, ai dela." [Op. cit., p. 72]); Leontina, de Antes da

ponte Rio-Niterói ("A mulher teve ciúmes e enquanto Bastos dormia despejou água fervendo do bico da chaleira dentro do ouvido dele [...]. A virago, chamada Leontina, pegou um ano e pouco de cadeia." [Op. cit., p. 58]); Cândida Raposo – octogenária cujo desejo de prazer não passava – de Ruído de passos ("Teve enfim a grande coragem de ir a um ginecologista. E perguntou-lhe envergonhada, de cabeça baixa: – Quando é que passa?" [Op. cit., p. 55]); Xavier, de O corpo ("Todo o mundo sabia que Xavier era bígamo: vivia com duas mulheres." [Op. cit., p. 21]); Ruth Algrave, de Miss Algrave ("Na segunda-feira de manhã resolveu-se: não ia mais trabalhar como datilógrafa, tinha outros dons. Mr. Clairson que se danasse. Ia era ficar mesmo nas ruas e levar homens para o quarto." [Op. cit., p. 20]); entre outros componentes do rol de protagonistas que se deixam fascinar pela "bruta flor do querer".

Entretanto, na ficção clariciana, a melhor personificação do Dasein não está presente em nenhuma das duas obras mencionadas. Essa personificação é Macabéa, protagonista de A hora da estrela. O narrador, Rodrigo S. M., explicita o caráter metonímico de Maca (como prefere chamá-la, às vezes) na passagem transcrita a seguir: "Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam" (A hora da estrela, p. 14).

Macabéa pertence a uma classe social – a dos sertanejos do Nordeste – totalmente desprovida de bens materiais, à qual se impõem os males provenientes da disparidade socioeconômica. A Maca, impingem-se as condições adversas que marcam a vivência dos excluídos socialmente, conforme relata o narrador: "Limito-me a humildemente – mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humilde – limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela" (Op. cit., p. 15). Em meio a essas condições, à nordestina, não resta saída senão isolar-se da sociedade, tornando-se uma "incompetente para a vida": "[...] ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma" (Op. cit., p. 24).

Como se pode observar, o Dasein faz-se presente na ficção de Clarice Lispector. No entanto, ressalte-se que, pelas mãos da ficcionista, o Dasein transcende o invólucro social com que Heidegger o caracterizou. Em todas as narrativas claricianas de cunho social, prepondera uma busca que extrapola a preocupação em denunciar as mazelas sociais: a busca do autoconhecimento. Assim, na produção literária de Clarice, o Dasein heideggeriano é estendido, até transpor as fronteiras do compromisso social e desembocar na emersão do eu.

Na filosofia de Heidegger, o Dasein é a amalgamação entre o eu e o outro, enquanto, na literatura clariciana, é a sobrelevação do eu para chegar-se ao outro. A partir dessa distinção, evidencia-se que há um Dasein propriamente clariciano, transmutado de solidariedade com os outros em autoinvestigação, para poder solidarizar-se com o outro, para poder chegar-se às aflições que o eu e o outro apresentam em comum, que os nivelam no árduo decorrer da existência.

Transita-se, dessa forma, do ser-com-os-outros ao ser-para-os-outros. Estabelece-se o ser-para-os-outros, ser que busca, por meio da autocompreensão, conhecer o outro e, em comunhão com ele, instituir a autêntica liberdade humana. A busca pela liberdade absoluta é a substância do Dasein clariciano.

Saul Cabral Gomes Júnior.

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA







Quer colaborar com o nosso projeto?

FAZ UM PIX

CHAVE:
CPF: 18462125880

D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

pix
powered by Banco Central

PERMITA-SE

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#19



QUEM SOMOS NÓS NA FILA DO OSSO?

AGOSTO/ 2021

dartelondrina@gmail.com

insta @dartelondrina